



Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta



O MEGALITISMO NO CENTRO DE PORTUGAL

ACTAS DO SEMINÁRIO



1994 **2**

SANCHES, M. J. (1994), "Megalitismo na bacia de Mirandela", *Actas do Seminário "Megalitismo no Centro de Portugal"*, (Mangualde, Nov. 1992), *Estudos Pré-históricos*, 2, CEPBA, Viseu, pp.249-284.

MEGALITISMO NA BACIA DE MIRANDELA

Maria de Jesus Sanches *

0. INTRODUÇÃO E OBJECTIVOS DESTE TEXTO

1. Este trabalho tem como objectivo principal a apresentação do relatório de escavação da anta da Arcã, em Abreiro, Mirandela e a sua contextualização no seio do que se conhece acerca do fenómeno megalítico, e/ou tumular, da bacia depressionária de Mirandela/Valpaços.

2. Torna-se necessário referir que os nossos estudos sobre a Pré-história recente da bacia depressionária de Mirandela/Valpaços nunca tiveram como objectivo primordial o estudo do fenómeno megalítico ou do fenómeno tumular neste território. Daí que os resultados que aqui se apresentam acusem essa ausência de trabalho de campo exaustivo sobre tal matéria, mas cujas razões passamos a expor.

Iniciámos os trabalhos de arqueologia em Mirandela com uma escavação de emergência num abrigo recentemente cristianizado mas que se julgava conter fraca potência de sedimentos, o já conhecido abrigo Buraco da Pala, na Serra de Passos. Contra todas as expectativas iniciais, o abrigo revelou espólio, estratigrafias e estruturas habitacionais de excepcional interesse para o estudo da Pré-história recente. Foi em torno desta estação e do fenómeno habitacional que centrámos a problemática do povoamento na bacia de Mirandela. Porém, como nesta região só havia sido feito um levantamento arqueológico preliminar pelo Dr. F. Sande Lemos,urgia entender melhor o contexto arqueológico (cultural e territorial) onde se inseria o Buraco da Pala. Procedemos a uma prospecção mais cuidadosa, mas ainda não sistemática, da bacia do rio Tua, a qual se revelou extremamente útil pela diversidade de estações pré-históricas que então foram identificadas. Publicámos os resultados deste trabalho ¹ e nele constam os monumentos megalíticos conhecidos até essa data.

A prospecção que podemos denominar de sistemática nesta região ainda se encontra no início ²; porém, muitas outras estações foram identificadas, e entre estas encontram-se alguns monumentos megalíticos que passamos a incluir já neste texto.

Deste modo, os resultados que aqui apresentamos sobre o megalitismo da bacia de Mirandela/Valpaços são, pela natureza dos trabalhos de campo desenvolvidos, ainda preliminares e essencialmente descritivos. O seu interesse reside na abordagem de conjunto que nos propomos fazer, articulada, quer com os resultados das escavações, quer com aqueles das novas prospecções.

3. A escolha do dólmen da Arcã, e não de um outro menos arruinado, como monumento a escavar, também decorre da mesma intenção anteriormente referida e que é a do estudo do fenómeno habitacional nesta região pois era essa a via de investigação que então perseguíamos: a do estudo do povoamento visto pelo prisma das estações que indicavam ter sido utilizadas, por volta do III mil. a. C., para fins habitacionais ou domésticos e que contribuíssem, ainda que indirectamente, para o entendimento do povoado e dos abrigos da Serra de Passos.

* Faculdade de Letras da Universidade do Porto. R. Campo Alegre, 1055. 4100 Porto.

¹ Este texto de levantamento, que depois publicámos, apoiou-se, como sempre temos referido, no trabalho realizado pelo Dr. F. Sande Lemos. SANCHES, M. J. e SANTOS, B. C. T. O. (1987), Levantamento arqueológico de Mirandela, *Portugália*, n. s., 8, IAFLUP, Porto.

² A prospecção sistemática foi iniciada em 1992, no âmbito de um projecto colectivo de investigação arqueológica denominado "Génese e Consolidação do Sistema agro-pastoril em Trás-os-Montes e Alto Douro", subsidiado pela Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica (JNICT).

Com efeito, duas das pequenas elevações que circundam, pelo lado S.SE. e SE., o vale ou prado natural onde se implanta o dólmen e que distam deste entre 250 m e 300 m, apresentavam vestígios de terem sido utilizados como povoado. Fig. 1.2 e est. 1.1. Além disso, foi na base S. desses montes que se encontraram as alabardas de cobre de Abreiro, quando se procedia à abertura da estrada que liga a aldeia à estação da CP. Estes montes são genericamente conhecidos pelo nome de Cemitério dos Mouros. Porque se trata realmente de duas elevações contíguas entre si, decidimos denominar aquela situada mais a W. por Cemitério dos Mouros I e a outra por Cemitério dos Mouros II, embora neste momento julguemos que se trata de um único povoado. No espaço situado entre estes montes e o prado ou lameiro onde está a anta, aparece material arqueológico, sendo de destacar moinhos, algumas lascas talhadas e um ou outro fragmento cerâmico. Fig. 1.2.

Julgámos então poder ter existido alguma relação cronológica ou cultural entre o povoado, onde os materiais arqueológicos de superfície poderiam ser genericamente atribuídos ao III mil. a. C. (2.^a met.) e a Arcã, cujo *croquis*, feito pelo Abade de Baçal em 1932, indicava ser um grande dólmen de câmara poligonal ou sub-retangular e corredor aberto a Nascente, atribuível, por aproximação (ou por analogia), também ao III mil. a. C. (e provavelmente já à 2.^a metade deste milénio). Fig. 6.2

Deste modo, no ano de 1989 procedeu-se à realização de sondagens no monte Cemitério dos Mouros I e ao início da escavação da anta. No ano seguinte procuraram-se também estruturas habitacionais no monte Cemitério dos Mouros II e deu-se por terminada a escavação da anta³.

Infelizmente quer a anta quer o povoado encontravam-se bastante arruinados. Por esta razão não nos foi possível estabelecer entre ambos uma relação cronológica e cultural clara, embora a cronologia do povoado possa ser apontada, pelo espólio e por uma data de C14, para o final do III/inícios do II mil. a. C.

1. A BACIA DEPRESSIONÁRIA DE MIRANDELA. SUA CARACTERIZAÇÃO

Aquilo que é conhecido no meio geográfico por bacia depressionária de Mirandela, ou então bacia média do Tua, apesar de não ser definida de modo particular nos seus contornos (pelos geógrafos ou pelos geólogos), engloba um território que tem como "epicentro" a cidade de Mirandela, com a cota mínima de 220 m de altitude, estendendo-se para S., ao longo do curso do rio Tua até Abreiro (cotas médias de 300 m) e, para N., ainda acompanhando o curso do mesmo rio e a parte terminal daqueles que lhe dão origem, os rios Tuela e Rabaçal, até às altitudes máximas de 500 m. Figs. 1.1. e 2.

Trata-se de uma região "encaixada" entre planaltos e altas montanhas, embora a passagem destes às zonas mais baixas se faça de uma forma muito diversa. A NE., a Serra de Nogueira (1318 m); a N., um planalto extremamente recortado por linhas de água, com altitudes que rondam os 800 m e que se estende a S. de Vinhais e que se prolonga até à Serra da Padrela passando por Rebordelo-Valpaços, e, a NW., o próprio sistema orográfico da Padrela (1147 m), que separa as bacias do Tâmega e do Tua, abaixam-se progressiva, mas não regularmente, rumo à parte terminal do Tuela e Rabaçal. A Serra de Passos/St.^a Comba, com a cota máxima de 1010 m, prolonga-se por uma série de altitudes menores até ao Tinhela, próximo de Murça, onde contacta com o planalto granítico de Alijó (Pópulo e Carlão) que, com altitudes que variam entre os 700 e os 900 m, se define em toda a parte terminal da margem direita do Tua. Na margem oposta do rio é o planalto, também granítico, de Carrazeda que se ergue a altitudes

³ Os trabalhos de escavação tiveram o apoio do IPPC, da Câmara Municipal de Mirandela e da Junta de Freguesia de Abreiro. Agradece-se a estas entidades, e particularmente à Junta de Freguesia de Abreiro, que, na pessoa dos respectivos presidentes e da Sra. D. Maria Idalina Lima, além do apoio financeiro traduzido no pagamento de alguns trabalhadores contratados, sempre estiveram disponíveis para resolver, no dia a dia dos trabalhos de campo, os problemas que iam surgindo. Ao Sr. Director do GAT — Gabinete de Apoio Técnico da Terra Quente Transmontana —, também expressamos aqui a nossa gratidão pelo contributo dado a vários trabalhos arqueológicos através da realização de levantamentos topográficos que nós não tínhamos nem meios técnicos nem conhecimentos para fazer, nem mesmo disponibilidade financeira para pagar. Também agradecemos a colaboração dos seguintes arqueólogos: Dr.^a Margarida Santos Silva, Dr.^a Iva Botelho, Dr.^a Paula Mota Santos, Dr. Dirck Brandherm, Dr. Virgílio Lopes e Dr. Carlos Prada de Oliveira. Aos elementos da população de Abreiro e particularmente a Ermelinda Lima, estudante da Universidade dos Açores, estamos gratos pela colaboração prestada. Também a disponibilidade, eficácia e espírito compreensivo do Sr. Mário José, motorista da C. M. de Mirandela, devem ser aqui referidas, pois foi graças a ele que o ritmo dos trabalhos se pôde manter.

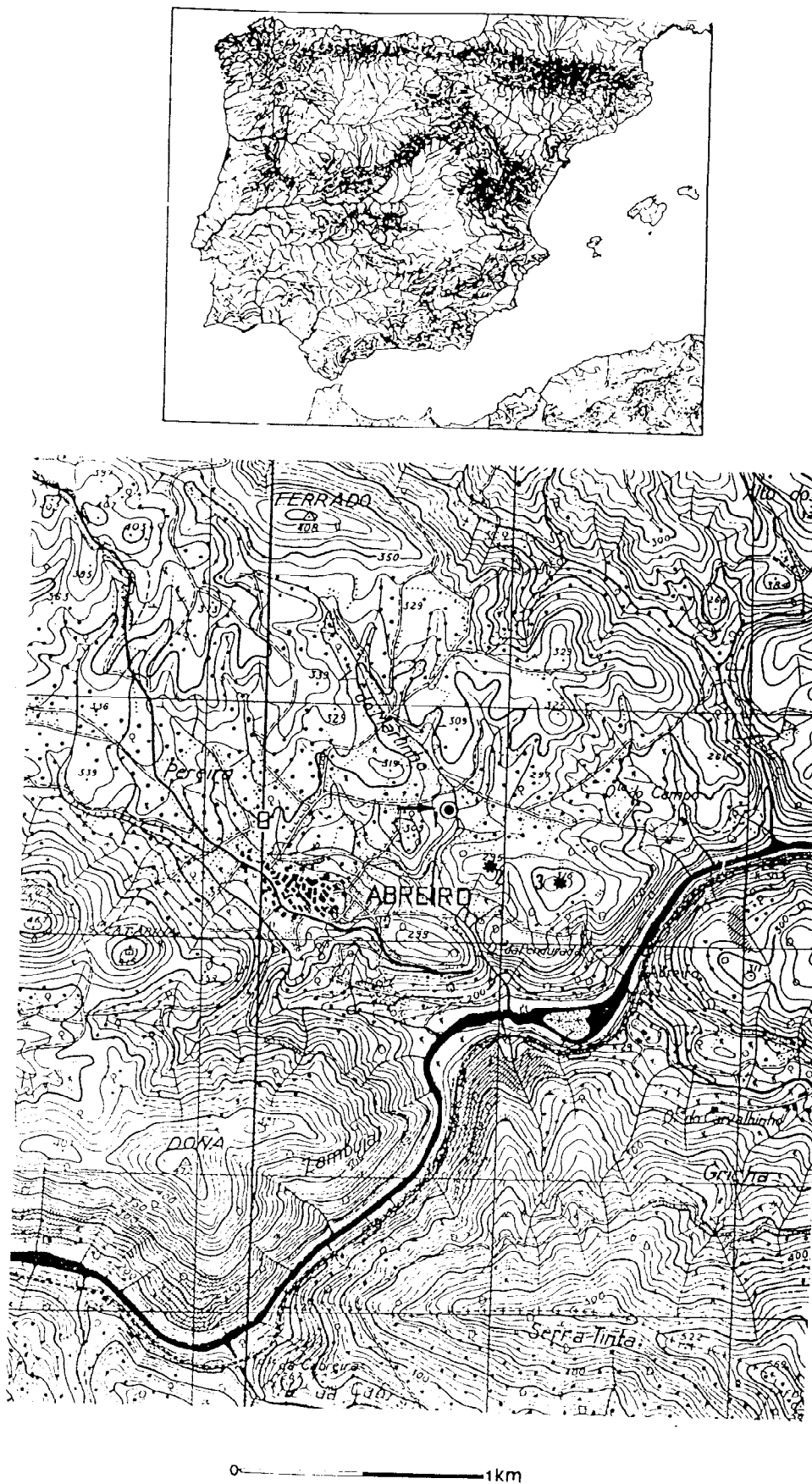


Fig 1 — 1. Localização da bacia depressionária de Mirandela/Valpaços no mapa da P. Ibérica. O território inscrito no retângulo encontra-se ampliado na fig. 2. 2. Localização da Anta da Arcã (1) na margem direita do ribeiro do Azimbro, e do povoado Cemitério dos Mouros (marcado com dois asteriscos) nos montes adjacentes ao vale e lameiro do Azimbro (seg. a Carta Militar de Portugal, na esc. 1:25.000, ampliada, folha 104).

muito superiores a 700 m e que desce abruptamente no vale do Tua, em Abreiro. A leste da bacia do Tua, a imponente Serra de Bornes — cuja linha de cumeeada, de cerca de 12 Km, orientada de NE. a SW. (a orientação genérica da bacia de Mirandela) —, prolonga-se para N. até à Serra de Nogueira através de zonas montanhosas muito recortadas, e para S., até ao já citado planalto de Carrazeda, através de relevos similares aos anteriores, de aspecto vigoroso e que quase acompanham o leito do Tua até Frechas, definindo uma contínua linha montanhosa que demarca orográfica e climaticamente esta zona daquelas situadas mais a leste⁴.

Este território tem realmente o aspecto de uma bacia deprimida relativamente às serras e planaltos circundantes (Fig. 2). Porém, a sua orografia não é de todo uniforme. Para Virgílio Taborda, terá sido eventualmente a presença de materiais menos resistentes à erosão, neste caso xistos pré-câmbricos, que zonas planálticas mais baixas e entrecortadas de cursos de água, foram suavizando, mercê da erosão e subsequente sedimentação⁵. Assim, a bacia de Mirandela apresenta-se como uma sucessão de zonas aplanadas e baixas, ou colinas muito suaves, entrecortadas por vales ora mais alargados, quando o substrato rochoso apresenta fraca dureza, ora mais encaixados, no caso de a composição do solo ter grande quantidade de quartzitos ou mesmo granitos.

Contudo, aqui, como noutros locais, não é somente a orografia e muito menos o substrato geológico que imprimem a marca característica à bacia de Mirandela, no denominado Alto Trás-os-Montes, mas antes a conjugação destes factores com os aspectos climáticos, com as potencialidades do solo e ainda com a história da paisagem, ou seja, a sua humanização ao longo de milénios. Passamos a usar uma citação de V. Taborda que julgamos caracterizar não somente a bacia média do Tua como também a zona de Alfândega-Vila Flor, que inclui o vale da Vilarça. "Situadas nos limites entre a zona norte transmontana e a região duriense, apresentam aspectos característicos duma e doutra... participam desta natureza mista. Condições especiais de altitude e exposição, geram aí aspectos peculiares de clima, vegetação e culturas." "Uma moldura de serras preserva-a (a bacia de Mirandela), a norte e leste, da acção dos ventos continentais; para ocidente o solo vai-se erguendo regularmente até ao sistema orográfico da Padrela, até à região de Valpaços. Estas condições particulares explicam o clima — clima nítido de vale, de Invernos temperados, Verões ardentes, acentuadamente seco, de tipo duriense. Mas a sua "facies" agrícola é mista..."⁶. Trata-se de uma das regiões da terra quente transmontana, de clima de cariz semimediterrânico ou semiduriense, mas onde a altitude das encostas que ladeiam e formam esta zona mais deprimida cria variantes no sentido da aproximação aos climas mais frios, de tipo continental, ou mais húmidos, de tipo atlântico.

2. MONUMENTOS MEGALÍTICOS

2. 1. Sua distribuição e implantação. Fig. 2

Apesar de a prospecção efectuada não ter sido de carácter sistemático, podemos dizer genericamente que esta região é marcada, tal como todo o Trás-os-Montes oriental, pela presença de raros monumentos megalíticos. As últimas concentrações importantes registam-se no planalto de Alijó com vários dólmenes assinalados (com destaque para Pópulo e Carlão), e na Serra da Padrela. A sul da bacia de Mirandela estende-se o planalto de Carrazeda de Ansiães, já só com quatro dólmenes, dois dos quais bem conhecidos do meio arqueológico: Zedes e Vilarinho da Castanheira. Para leste há notícia de poucos monumentos (no vale da Vilarça) e, para NE., só se conhece a mamoa de Donai, em Bragança. Já no Planalto Mirandês, na zona fronteiriça, encontram-se monumentos sob *tumuli* muito peculiares (ou simplesmente mamoas), mas que nunca chegam a atingir as densidades de verdadeiras necrópoles como o são as das zonas mais ocidentais⁷.

⁴ Exposição baseada nos seguintes documentos: TABORDA, V. (1987, 2.ª), *Alto Trás-os-Montes, Estudo Geográfico*, col. Espaço e Sociedade, 6, Livros Horizonte. Lisboa, Carta Militar de Portugal na esc. 1:250.000, folhas 1 e 2; Carta Geológica e Portugal na esc. 1:500.000, coordenada por Carlos Teixeira, 1972.

⁵ TABORDA, V. (1987, 2.ª), citado na nota anterior.

⁶ Cf. nota 5, pp. 25-26.

⁷ SANCHES, M. J. (1992), *Pré-história Recente no Planalto Mirandês (Leste de Trás-os-Montes)*, Monografias Arqueológicas, 3, GEAP, Porto.

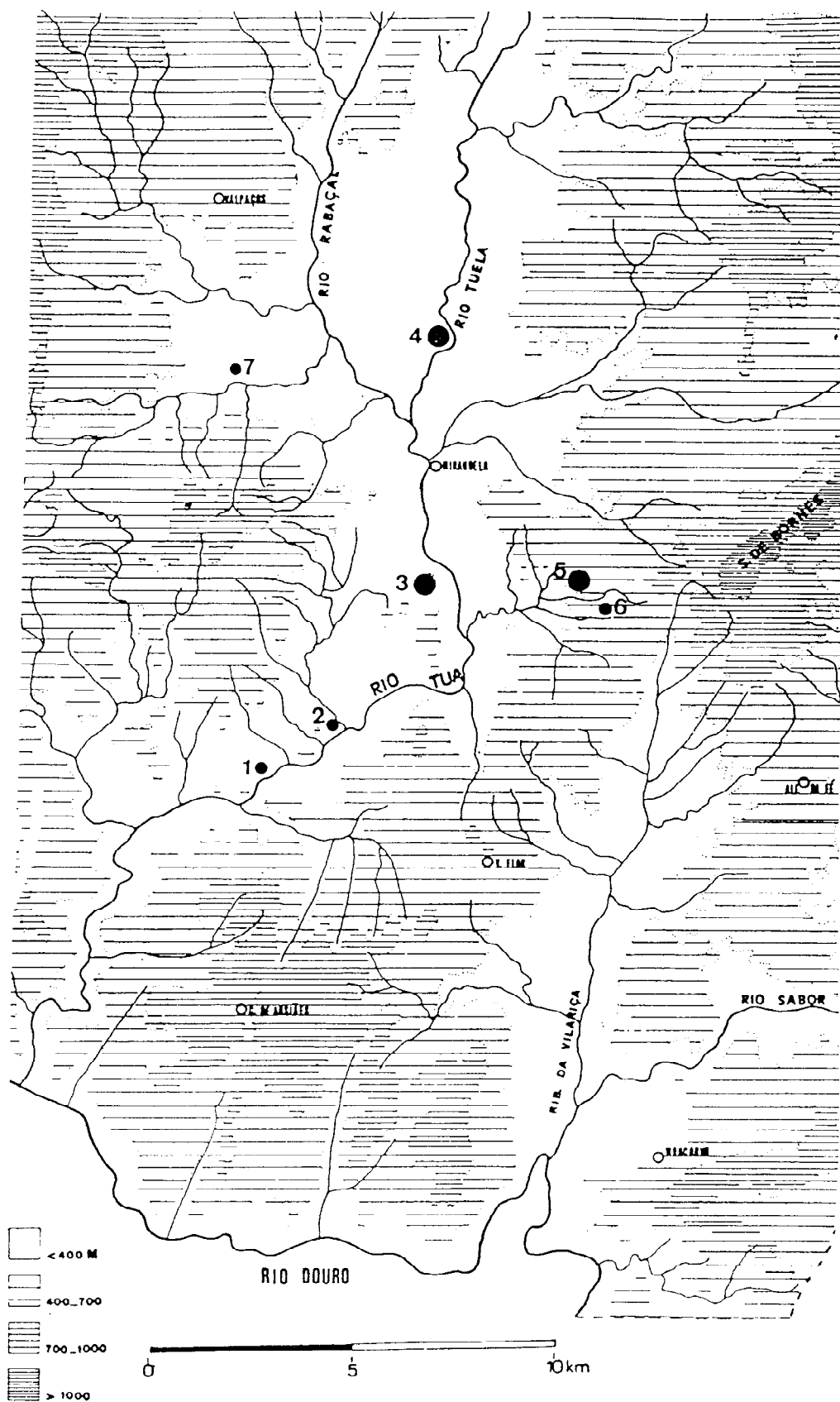


Fig. 2 — Localização dos monumentos megalíticos e ou monumentos sob *tumuli* na bacia depressionária de Mirandela/Valpaços. Concelho de Mirandela: 1. Anta da Arcá-Abreiro; 2. Anta de Trochos-Barcel (desaparecida); 3. 5 monumentos em torno da aldeia de S. Pedro de Vale do Conde (3 desaparecidos). Marmelos, 4. 5 monumentos em Vale de Juncal-Abambres; 5. Anta de Caravelas, Madorra e mamoa de Prada-Caravelas; 6. Mamoa do Malhado. Concelho de Valpaços; 7. Anta de Lila-S. Pedro de Veiga de Lila (mapa elaborado a partir da Carta Militar de Portugal na esc. 1:250.000, ampliada, folhas 1 e 2, na qual foram marcados patamares altimétricos).

Esta fraca densidade pode acusar também a ausência de prospecções sistemáticas, como acontece no concelho de Macedo de Cavaleiros, cuja toponímia aponta possíveis dólmenes em duas localidades, mas que nunca chegaram a ser confirmados⁸. Porém, as regiões mais bem conhecidas dão-nos a ideia de que embora nem todos os monumentos possam estar identificados, a "paisagem megalítica ou tumular" de todo o leste de Trás-os Montes é marcada pela raridade de monumentos, podendo existir, contudo, algumas regiões ou micro-regiões com maior densidade. Seria o caso do Planalto Mirandês, da bacia de Mirandela e, eventualmente, do vale da Vilariça (embora aqui se conheçam, ao que sabemos, somente duas mamoa).

Se contarmos com as descrições antigas de dólmenes já desaparecidos, e com as prospecções recentes, registamos 17 monumentos na bacia de Mirandela⁹. Actualmente já só existem 12, entre dólmenes e mamoa¹⁰.

O mapa da Fig. 2 dá uma imagem da distribuição destes monumentos, os quais podem ocorrer *de modo isolado, agrupados em núcleos* — cuja distância média entre os monumentos é inferior a 100 m —, ou "concentrados" em certas áreas, mas cuja distância entre eles ultrapassa 1 Km.

Como monumentos isolados temos os dólmenes da Arcã (Abreiro), a anta de Trochos, em Barcel (desaparecida) e o dólmen de Lila (em Veiga da Lila)¹¹.

Em torno a Caravelas, nas faldas da Serra de Bornes, encontram-se três monumentos cuja distância entre si é superior a 2 Km — anta de Caravelas, Madorra e mamoa ou anta do Malhado. No local da Antinha e no de Vale da Arca ou Arcanha, a S. e W. de S. Pedro de Vale do Conde, respectivamente, existiram dois dólmenes distanciados entre si e também independentes do núcleo da Pedreira (que se encontra a N. da referida aldeia). Consideramos todos os monumentos acima como monumentos isolados pois *não nos parece ter havido a intenção de necropolizar um espaço restrito* como acontece com aqueles que se dispõem em núcleos.

O *núcleo da Pedreira* — com 3 mamoa (uma das quais já desaparecida e outra escavada¹²), situadas na zona aplanada que se estende a N. de S. Pedro de Vale do Conde —, e o *núcleo das Antas* (em Vale de Juncal) com 4 monumentos muito próximos entre si e implantados numa antiga praia fluvial

⁸ Recentemente uma equipa de engenheiros de Minas da Faculdade de Engenharia do Porto detectou casualmente uma grande mamoa, também num alargado lameiro, perto da sede do Concelho.

⁹ A bacia de Mirandela, que definimos de forma genérica acima, inclui, além do território que administrativamente pertence a este concelho, algumas aldeias de Valpaços — como Fornos do Pinhal, Valverde, Sanfins, Possacos, Crasto, Rio Torto, Póvoa, Veiga de Lila, isto é, aquelas situadas nas zonas deprimidas contíguas ao rio Rabaçal e seus afluentes que descem da Padrela —, e de Murça — como Palheiros e Candedo, contíguas a Abreiro/Avidagos/Franco e situadas junto do rio Tinhela.

¹⁰ À excepção dos monumentos detectados após 1988, núcleo de Antas e dólmen de Lila, todos se encontram descritos em pormenor no Levantamento Arqueológico de Mirandela (cf. nota 1) pelo que achamos desnecessária a repetição.

¹¹ Dado que a localização e descrição deste monumento não se encontra publicada, passamos a fazer uma descrição sintética. Localiza-se no local das Antas, lugar de Fonte Mercê, freguesia de Veiga de Lila, concelho de Valpaços, distrito de Vila Real. Coordenadas: latitude — 41° 31' 51" N.; longitude — 1° 49' 54" E. de Lx.; alt. absoluta — 390 m (segundo a Carta Militar de Portugal, na esc. 1:25.000, folha 76). Localiza-se do lado esquerdo (lado sul) do estradão que liga a estrada da Póvoa à que conduz às aldeias de Fonte Mercê e Veiga de Lila. A cerca de 1,5 km do cruzamento da Póvoa, entra-se numa zona aplanada e desde logo se pode ver a enorme mamoa, coberta de altas mimosas e situada do lado esquerdo da estrada, num campo utilizado para a agricultura cerealífera. Trata-se de uma enorme mamoa que, apesar da grande violação apontada pela cratera central, mostra ter contido um dólmen de razoáveis dimensões, possivelmente com corredor. A mamoa tem forma subelíptica e alonga-se no sentido W.-E. Mede 21,70 m e 19,30 m de eixos, maior e menor, respectivamente. Soergue-se acima do solo em 1,80 m, facto que, aliado à presença de espessos troncos de mimosas, a tornam visível de grande distância. Por toda a parte superior do *tumulus* espalham-se blocos de quartzo de médio e grande tamanho, mas nalgumas zonas a couraça pétreia parece estar bem conservada. No centro da mamoa existe uma profunda cratera de violação. Várias lajes de xisto quartzítico de cor cinzento-esverdeado e que nos parecem esteios partidos, espalham-se pela superfície da cratera e ainda pela parte oriental do *tumulus*. No extremo leste da cratera existe uma grande laje de xisto fincada no solo e partida também na sua parte superior. Tem de largura 1,20 m, de espessura, 30 cm e ergue-se acima do nível do solo em 60 cm. Dada a posição que ocupa, parece-nos poder ser a laje de cabeceira. Frente a esta jaz no solo um fragmento que lhe podia ter pertencido. Na zona E-SE da mamoa vêem-se algumas lajes alinhadas, umas que parecem somente enterradas, outras fincadas, que poderão indicar um corredor virado para esse lado.

¹² SANCHES, M. J., BOTELHO, I. J. S. T. M., e SILVA, M. S. S. (1990-91), Mamoa 1 da Pedreira, S. Pedro de Vale do Conde-Marmelos, Mirandela (escavação de emergência), *Portugália*, 11-12, IAFLUP, Porto.

do rio Tuela (e eventualmente um outro distanciado daqueles *cerca de 400 m* para N., o dólmen de Prado Santo), são os únicos conhecidos nesta região¹³. Fig. 3.2.

Na relação do monumento com a topografia do local onde se implanta, podemos considerar genericamente duas situações.

Existem mamoads e/ou dólmenes assentes em locais aplanados, abertos e visíveis desde grande distância, como é o caso de todos os monumentos situados em torno a S. Pedro de Vale do Conde, a Caravelas, e ainda o dólmen de Lila. Os monumentos de Caravelas merecem particular atenção pois ocupam as topografias mais elevadas, sempre com cotas superiores a 600 m; porque se situam nas faldas da Serra de Bornes, sobranceiras à bacia deprimida propriamente dita, delas tem-se um domínio visual alargado sobre todo o vale do Tua e encostas adjacentes.

As outras situam-se em locais deprimidos que coincidem com estreitas zonas sedimentares ou antigas praias fluviais de rio ou ribeiro. As elevações adjacentes só permitem que sejam visíveis desde curta distância. É o caso da desaparecida anta de Trochos, do núcleo de Vale de Juncal e, particularmente, do dólmen da Arcã, que irá ser objecto de desenvolvimento neste trabalho.

2.2. Características arquitectónicas

Pelo que nos foi dado presenciar na prospecção e atendendo às descrições e desenhos de monumentos actualmente desaparecidos, ou quase totalmente arruinados, a maioria terá sido provida de câmaras ou, pelo menos, de estruturas megalíticas, feitas, à excepção da Arcã (que é a única que se encontra numa zona de transição dos xistos aos granitos), de lajes de xisto, embora seja bastante difícil perceber a sua configuração particular. Todos indicam ter sido envolvidos por um *tumulus* subcircular ou elíptico: de grandes dimensões (superiores a 20 m de eixo maior) no caso dos monumentos isolados; mais pequeno naqueles que se integram em núcleos (Antas e Pedreira).

Os monumentos de maior porte parecem ter tido corredor. É o caso da anta de Caravelas cujos 5 esteios, ainda na vertical, além de outros tombados, são indicadores de uma câmara poligonal com corredor mais baixo que a câmara e aberto a nascente. Na mamoa do Malhado, a desproporção dos eixos do *tumulus* (cerca de 20 por 11 m) pode ser também indicadora da existência de corredor. No dólmen de Lila, algumas lajes alinhadas de modo desigual na parte SE. do *tumulus*, já fora da cratera de violação central, também nos parece terem pertencido a um corredor. O dólmen da Antinha, em S. Pedro de Vale do Conde terá sido, segundo um desenho do Abade de Baçal, um dólmen de câmara poligonal, ou rectangular, com vestíbulo aberto a Nascente. O mesmo se passa com o dólmen da Arcã, que também poderá ter possuído corredor.

¹³ Dado que estes monumentos só foram identificados no Verão de 1992, passamos a apresentar a sua ficha identificadora: localizam-se no local das Antas, lugar de Vale de Juncal, freguesia de Abambres e concelho de Mirandela (dist. de Bragança). Coordenadas (de um ponto central da estação): latitude — 41° 32' 25" N., longitude — 1° 57' 21" E. de Lx.; alt. absoluta — 230 m (segundo a Carta Militar de Portugal, na esc. 1:25.000, folha 76). Da aldeia de Vale de Juncal partem para leste, em direcção ao rio Tuela, dois caminhos carreteiros — que denominámos de caminho N. e caminho S., respectivamente —, suficientemente largos para aí circularem carros e tractores. Dirigem-se ambos ao local das Antas, pois é precisamente nesse local, a cerca de 800 m em linha recta da aldeia, que se situam os monumentos, circundados pelo caminho. Trata-se de uma antiga praia fluvial do rio Tuela, contigua a este, aplanada, e utilizada na actualidade para a agricultura cerealífera e ainda para o cultivo da vinha e oliveira. A Carta Geológica de Portugal, na esc. 1:500.000, desenha aí uma mancha representativa de depósitos plio-pleistocénicos indiferenciados, incluindo depósitos de praias antigas e de terraços fluviais, superiores a 100 m. Com efeito, os terrenos argilosos e arenosos encontram-se peçados de seixos rolados. Foram identificadas 4 mamoads muito arruinadas, 3 das quais ainda com um ou 2 esteios. Três dos monumentos formam aproximadamente um triângulo com menos de 40 m de lado e situam-se sensivelmente no centro do campo lavrado — monumentos 1, 2 e 3. Estão portanto muito próximos uns dos outros. A quarta mamoa, ou monumento n.º 4, ainda no mesmo campo, foi cortado por um dos supracitados estradões, o estradão ou caminho N., e dista das anteriores cerca de 80 metros. A área ocupada por este núcleo é de cerca de 300 m². A 400 m para N. deste local encontra-se um outro monumento já anteriormente identificado, o dólmen do Prado Santo, também bastante arruinado. Dada a sua posição proeminente na paisagem e dada ainda a fraca distância que o separa daqueles das Antas, julgamos poder incluir todos os monumentos num mesmo grupo que poderíamos denominar de Antas/Prado Santo.

«Antas» — V. Juncal — Material lítico talhado

N.º	PEÇA	DIMENSÕES (mm)			
		ALT.	LARG.	ÍNDICE	ESP.
9	Raspadeira de frente muito desenvolvida, s/ lasca de crsta	29	30	0,96	17
67	Raspadeira s/ lasca de dorso preparado	28	22	1,27	10
4	Raspadeira de frente em leque s/ lasca	35	52	0,67	17
73	Raspadeira de frente em leque s/ lasca	40	34	1,17	12
7	Raspadeira carenada (muito espessa) s/ núcleo poliédrico	59	43	1,37	35
62	Raspadeira carenada (muito espessa) s/ lasca	45	45	1	26
31	Raspadeira carenada s/ lasca de descorticação de dorso retocado	35	29	1,20	17
42	Raspadeira carenada s/ lasca de descorticação retocada	30	21	1,42	20
2	Raspadeira carenada de frente muito desenvolvida s/ lasca de dorso preparado	41	26	1,57	13
7a	Raspadeira carenada s/ lasca	35	35	1	14
3	Raspadeira carenada s/ lasca	30	27	1,11	12
6	Raspadeira carenada de frente muito desenvolvida, s/ lasca de descorticação	33	42	0,78	23
63	Raspadeira carenada de frente desenvolvida s/ núcleo	25	25	1	21
32	Raspadeira carenada frontal s/ lasca espessa	33	33	1	21
29	Raspadeira carenada de frente convexa muito desenvolvida s/ lasca de dorso natural	50	35	1,42	25
38	Raspadeira carenada frontal s/ lasca de dorso preparado	27	18	1,5	13
41	Raspadeira carenada (espessa) frontal s/ lasca de descorticação	40	45	0,88	22
53	Raspadeira carenada (espessa) de frente irregular s/ lasca de descorticação	43	36	1,19	20
10	Raspadeira carenada de frente desenvolvida aos três bordos da lasca alongada	48	33	1,45	12
11	Raspadeira carenada de frente desenvolvida aos três bordos da lasca alongada	44	27	1,62	16
13	Raspadeira carenada de frente convexa muito desenvolvida (fragm.) s/ lasca descort.	22	31	0,70	15
57	Raspadeira carenada de frente muito desenvolvida s/ lasca de dorso preparado	15	23	0,65	18
36	Raspadeira carenada de frente em ogiva s/ lasca de descorticação de dorso retocado	51	40	1,27	20
18	Raspadeira carenada de frente em ogiva s/ lasca de descorticação	20	45	0,44	20
58	Raspadeira carenada circular s/ núcleo tabular	25	25	1	22
23	Punção (furador) duplo de eixo sobre lasca angular	35	20	1,75	13
20	Inst. compósito: punção e raspador duplo côncavo/convexo	34	30	1,13	11
19	Inst. duplo: furador de eixo/raspador duplo, côncavo	45	27	1,66	12
45	Raspador lateral s/ lasca de dorso preparado	41	25	1,64	10
15	Raspador lateral côncavo («coche») s/ lasca de dorso preparado	56	56	1	27
37	Raspador transversal s/ lasca de crsta	20	35	0,57	11
61	Raspador transversal convexo s/ lasca de descorticação	47	45	1,04	25
14	Raspador convergente s/ lasca de descorticação	48	42	1,14	11
24	Raspador convergente s/ lasca de dorso preparado	50	50	1	25
12	Raspador convergente com «coche» lateral s/ lasca de dorso preparado	45	30	1,5	10
59	Raspador convergente côncavo («coche») convexo s/ lasca de dorso preparado	35	35	1	9
1	Raspador convergente côncavo/convexo s/ lasca de dorso preparado	62	30	2,06	20
60	Raspador duplo côncavo/convexo s/ lasca de crsta muito irregular	55	48	1,14	23
26	Raspador duplo: transversal sub-rectilíneo e lateral côncavo s/ lasca de dorso prep.	29	26	1,11	9
8	Inst. compósito: raspador duplo de lados paralelos e goiva de dorso prep.	62	27	2,29	16
35	(Raspador) Grande lasca de dorso natural de denticulada	50	55	0,90	20
17	Lasca de dorso preparado, retocada	40	26	1,15	7
30	Lasca de dorso preparado, retocada	40	45	0,88	22
5	Lasca angular (de extracção) com dorso e bordo retocados	59	43	1,37	35
49	Lasca angular, retocada	32	25	1,28	14
70	Lasca angular, retocada	30	22	1,36	10
52	Lasca angular, retocada	30	25	1,2	12
39	Lasca angular, retocada	34	18	1,88	15
68	Lasca angular, retocada	28	18	1,55	4
40	Lasca angular, retocada	28	20	1,4	11
54	Lasca angular, retocada	27	27	1	12
16	Lasca angular, retocada, com «coche» lateral	33	20	1,65	8
21	Lasca de descorticação, retocada, com «coche» lateral	30	20	1,5	10
22	Lasca de descorticação, retocada	40	45	0,88	18
66	Lasca de crsta, retocada	30	28	1,07	5
33	Lasca de dorso natural, retocada	36	53	0,67	27
48	Lasca de dorso natural, retocada	40	26	1,53	11
25	Lasca de dorso preparado	23	23	1	9
43	Lasca de dorso preparado	27	27	1	12
56	Lasca de dorso preparado	30	22	1,36	9
71	Lasca angular	18	18	1	7
28	Lasca de descorticação	41	30	1,36	15
64	Lasca de descorticação	37	30	1,23	22
51	Lasca de descorticação	27	22	1,22	11
46	Lasca de descorticação	25	33	0,75	8
34	Lasca de descorticação	31	23	1,34	21
69	Lasca de descorticação	55	48	1,14	23
65	Núcleo poliédrico, esgotado	28	18	1,55	11
44	Núcleo com vestígios de extracções (quase esgotado)	33	32	1,03	22
50	Grande percutor com vestígios de uso	80	70	1,14	40

Anta do Prado Santo

74	Lasca de descorticação	40	28	1,42	12
72	Núcleo tabular com alguns retoques	49	25	1,96	25

«Antas» — Instrumentos líticos talhados

	N.º PEÇAS	PERCENT.
Raspadeiras	25	35,71%
Furadores/punções	3	4,28%
Raspadores	13	18,57%
Lasca retocadas	16	22,85%
Lasca simples	10	14,28%
Núcleos	2	2,85%
Percutores	1	1,42%
Total	70	100
instrumentos sobre lasca		
Total	64	88,88%

Antas — Lascas de quartzo (e inst. s/ lasca)

Índice médio	1,26
Alt. média	37,50
Larg. média	31,38
Esp. média	18,44

Esta descrição é extremamente genérica devido à natureza particular da documentação em que se apoia. Sabemos porém que as escavações destes monumentos revelam frequentemente arquitecturas e concepções espaciais e rituais muito particulares. No caso da escavação de emergência da mamoa 1 da Pedreira pareceu-nos que uma única laje de xisto fincada na vertical teria encerrado um espaço ovalado, fechado, e definido nos seus contornos por pequenas lajes de xisto. Não encontramos os buracos de assentamento de outros esteios além deste e só no local onde este se enterrava no solo faltavam as pequenas lajes de xisto. Esse facto fez-nos supor que este monumento não teria possuído câmara megalítica, mas sim esta particular estrutura pétreo. Presentemente, embora julgemos que esta será a interpretação mais plausível, não podemos ignorar que nos terrenos argilosos um buraco pode ser facilmente colmatado com terra do mesmo tipo, apagando os indícios nos quais as escavações apoiam a interpretação. Se a mamoa da Pedreira 1 possuiu algum tipo de estrutura megalítica, ou outra, diferente da nossa interpretação, os vestígios exumados não permitem confirmar qualquer outra hipótese ¹⁴.

2.3. Espólio

O espólio da anta da Arcã será objecto de desenvolvimento neste texto. O da mamoa 1 da Pedreira — um movente de moinho em granito, uma lasca de sílex não retocada e uma lamela truncada, também de sílex —, encontra-se publicado ¹⁵. Em nenhum outro monumento foi encontrado espólio, à excepção do local das Antas, em Vale de Juncal ¹⁶.

Com efeito, quando procedíamos à identificação dos monumentos reparámos que no solo, entre eles, mas particulamente em torno ao n.º 1, existiam peças de quartzo intencionalmente talhadas, que então recolhemos. A enxó encontrava-se na base do único esteio que resta do dólmen 1.

Uma recolha mais exaustiva, a fazer noutra época do ano, revelaria, supomos, uma maior quantidade de instrumentos. No entanto, como se trata de materiais recolhidos quer sobre os *tumuli* arruinados, quer no espaço que medeia entre eles — que não ultrapassa os 300 m² —, não podemos estar absolutamente seguros de que este espólio se conecte exclusivamente com a construção ou utilização dos dólmenes. Esta hipótese é provável, mas, dada a quantidade de instrumentos de carácter doméstico com vestígios de utilização, também é possível que um povoado, anterior ou contemporâneo de algum dos monumentos, tenha aí existido. Não encontramos, porém, qualquer fragmento cerâmico pré-histórico.

Este material aparece descrito de uma forma sintética no quadro cujo título é "Antas — V. Juncal — Material lítico talhado". Ver ainda os desenhos nas figs. 3, 4 e 5.

Apesar de se tratar de uma recolha de superfície, mas onde todos os fragmentos de rocha, quartzo ou xisto, com o mais leve indício de talhe foram recolhidos, ressalta o elevado número de raspadeiras. A maioria são raspadeiras carenadas, bastante espessas. Estas são, quase todas, bastante toscas (aliás, como toda a "indústria lítica" aqui presente) e utilizam frequentemente como suporte lascas de descorticação ou lascas de dorso preparado mas que conservam zonas corticais. Por ex., na raspadeira n.º 7a foi a zona cortical do talão transformada em frente de raspadeira e, na n.º 3, foi também a zona cortical, agora da extremidade distal da lasca, aquela que foi retocada e utilizada como frente de raspadeira.

Como as raspadeiras, outros instrumentos sobre lasca, lascas retocadas ou simplesmente lascas talhadas, apresentam zonas corticais quer nas partes ventrais ou dorsais, quer nos flancos ou bordos. Esta característica pode indicar que o comprimento maior dos núcleos deveria rondar o das próprias lascas. Muitos destes núcleos eram seixos rolados, os quais aliás abundam nesta antiga praia de rio.

O retoque varia bastante de peça a peça, apesar de este quartzo (ao contrário daquele utilizada na Arcã) ser de talhe relativamente fácil. Surgem algumas raspadeiras carenadas de retoque (ou extracção) estreito, oblíquo e subvertical, lamelar e paralelo (n.º 73, 7a), mas outras apresentam extracções que embora também subverticais e oblíquas, são muito mais largas (n.º 41,6 e 62). Este tipo

¹⁴ Cf. nota 12.

¹⁵ Cf. nota 12.

¹⁶ Cf. nota 13.

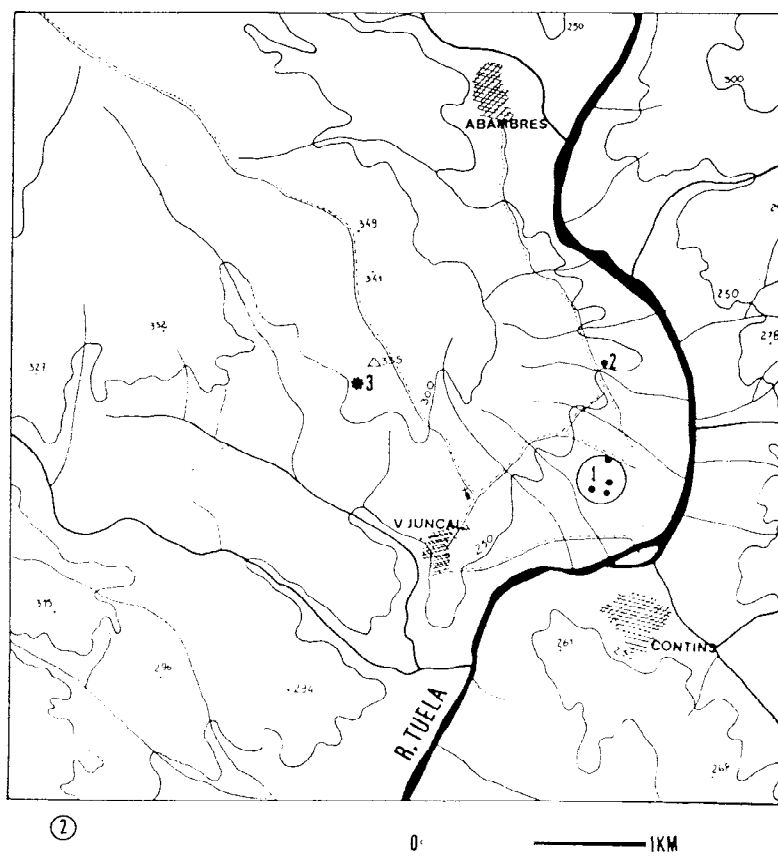
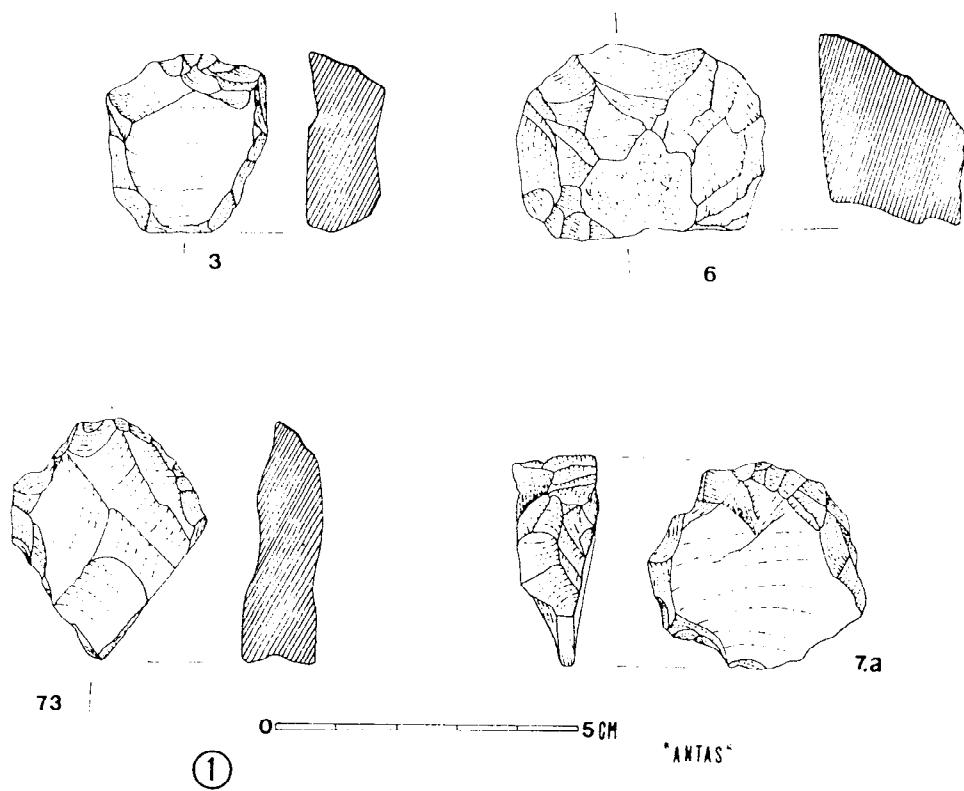


Fig. 3 — 1. Peças líticas do local das Antas-Vale de Juncal (Mirandela): 3, 6 e 7. Raspadeira carenada s/lasca; 73. Raspadeira de frente em leque s/lasca; 7a. Raspadeira de frente em leque s/lasca. 2. Localização dos monumentos do local das Antas — 1 — e de Prado Santo — 2 — (Vale de Juncal), numa antiga praia fluvial da margem direita do rio Tuela. 3 indica um afloramento de xisto quartzítico negro, no local (do Tapado) da Urreta Verde, em torno do qual foram encontradas algumas peças líticas talhadas. (Com base na Carta Militar de Portugal, esc. 1:25 000, ampliada, folhas 62, 63, 76 e 77).

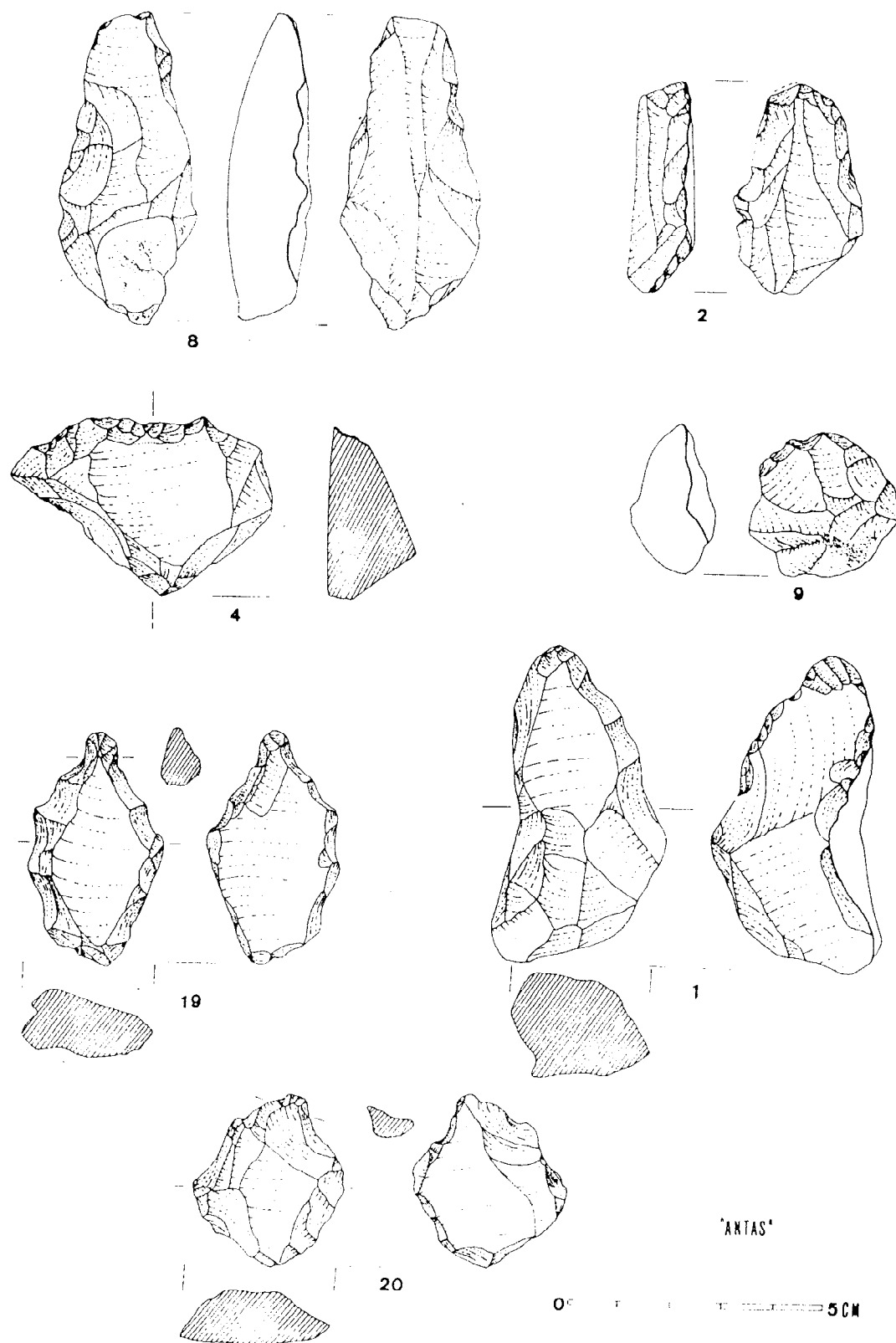


Fig. 4 — Peças líticas do local das Antas-Vale de Juncal (Mirandela): Instrumentos "compósitos" ou duplos. 8. Raspador duplo de lados paralelos e goiva; 19. Furador de eixo e raspador duplo (convexo); 20. Punção e raspador duplo (côncavo/convexo); 2. Raspadeira carenada de frente desenvolvida aos 3 bordos da lasca; 4. Raspadeira de frente em leque, s/lasca; 9. Raspadeira de frente muito desenvolvida, s/lasca de crista; 1. Raspador convergente (côncavo/convexo) s/lasca de dorso preparado.

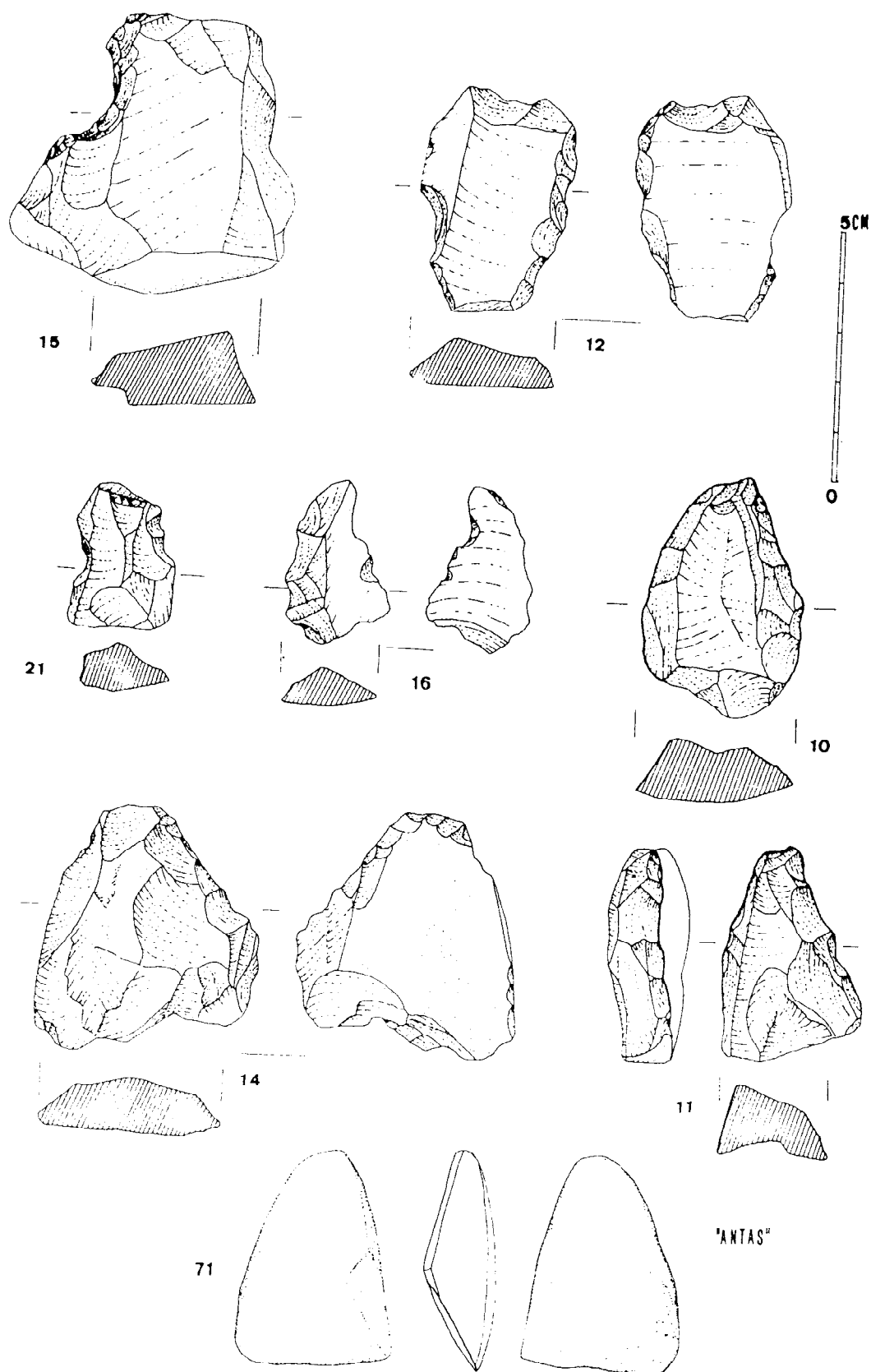


Fig. 5 — Peças líticas do local das Antas-Vale de Junçal (Mirandela): 15. Raspador lateral côncavo — “coche” — s/lasca de dorso preparado; 12. Raspador convergente com “coche” lateral s/lasca de dorso preparado; 21. Lasca de descorticação retocada e com “coche” lateral; 16. Lasca angular retocada e com “coche” lateral; 14. Raspador convergente s/lasca de descorticação; 10 e 11. Raspadeira carenada de frente desenvolvida aos 3 bordos da lasca; 75. Enxó polida.

de retoque confere um aspecto mais irregular à frente de raspadeira. Mas o retoque das raspadeiras pode ser mais curto, irregular e por vezes mesmo descontínuo, embora essa descontinuidade não afecte o ângulo cortante da "frente".

Surgem ainda outros instrumentos que, pelo retoque, ângulo da aresta cortante e vestígios de utilização na face retocada (a outra é, evidentemente, sempre plana), optei por denominar de "raspadeiras carenadas de frente desenvolvida aos três bordos da lasca". Têm todas forma subtriangular e a "frente de raspadeira" abrange completamente ambos os bordos e ainda a extremidade distal da lasca: n.º 2, 10 e 11. As raspadeiras n.º 18 e 57, são similares a estas embora a frente de raspadeira não seja tão estreita na extremidade distal. À excepção da n.º 10, são marcadas por um ângulo longitudinal no dorso, o que lhe confere um aspecto muito característico.

Os punções/furadores apresentam a ponta destacada por retoques lamelares e lascas contínuas. A ponta do n.º 20 só apresenta marcas de uso como punção (extremidade da ponta macerada).

Considerámos raspadores todas as lascas retocadas numa ou em ambas as faces de modo mais ou menos contínuo por forma a definir um gume cortante mas robusto, e que apresentavam marcas de utilização, quer no gume, quer nas zonas imediatas a este (por ex. n.º 1, 12 e 14). Alguns raspadores apresentam "coches", sendo de destacar o n.º 15 cujo gume côncavo, obtido por retoque curto, oblíquo e subvertical, contínuo, lascas e escamoso, é tão alargado que permite que denominemos a própria peça de "coche" ou "encoche".

Muitas lascas, retocadas ou não, podem ter evidentemente funcionado como raspador, mas nós aqui atendemos sobretudo ao tipo de retoque e ao gume criado por este.

As lascas que consideramos retocadas apresentam na sua maioria um retoque muito sumário, que frequentemente se reduz a uma, duas ou 3 extracções, localizadas quer nos bordos, quer no talão (estas últimas parecem ter a ver essencialmente com a prensão/encabamento).

Muitas lascas, retocadas ou não, não apresentam vestígios evidentes de utilização, embora, como se sabe, nas peças de quartzo estes vestígios sejam difíceis de discernir a olho nu ou com uma simples lupa. No entanto esses vestígios identificam-se a olho nu noutras peças — bordos esbóroados ou polidos por abrasão, bordos lascados, etc. —, o que nos faz supor que estas lascas podem ter sido utilizadas de modo muito pontual, para serem abandonadas de seguida.

A peça n.º 75 é uma pequena enxó polida, feita de quartzo. Tem secção subpoligonal de ângulos muito arredondados e é totalmente polida. O gume é muito cortante e regular. Apresenta-se ainda levemente esbóroado e "riscado" na face dorsal, o que pode constituir um indício de utilização.

3. DÓLMEN DA ARCÃ

3.1. Localização

Este dólmen situa-se na parte sul da bacia de Mirandela, na freguesia de Abreiro, concelho de Mirandela e distrito de Bragança. Tem como coordenadas: 41° 21' 10" de latitude norte; 1° 50' 49" de longitude este de Lx. e de altitude absoluta 250 m¹⁷. Fig. 1.2.

Situa-se no centro do Lameiro do Azendro, ou Azindro, um prado natural permanente que tem vindo a ser parcialmente arroteado, pelo menos desde o final do século passado, e utilizado na sua parte NE. como horta. Trata-se de uma zona aplanada e baixa, irrigada, ou mais precisamente, inundada, pelo ribeiro de S. Martinho, o qual, neste sítio não apresenta um curso definido por margens, já que as águas se espalham por toda a parte mais baixa deste local, para se encaixarem abaixo, num vale apertado entre os montes Cemitério dos Mouros (I), a leste, e um monte contíguo à aldeia de Abreiro, a oeste. Na base destes montes precipita-se sobre o rio Tua.

Rodeiam este vale alargado montes muito erosionados, cujas altitudes giram em torno dos 300 m, conferindo-lhe um aspecto de pequeníssima bacia deprimida. Dois desses montes são o Cemitério dos Mouros I e II. Est. I.1.

¹⁷ Seg. a Carta Militar de Portugal na esc. 1: 25.000, folha 104.

O ribeiro de S. Martinho, como a maioria dos pequenos cursos de água desta região, seca quase completamente entre o final da Primavera e o início do Verão. Porém, quer no Inverno/Primavera, época de chuvas mais regulares, quer na época mais seca, mas que nesta região conta regularmente com enormes trovoadas, há memória de a força da água do ribeiro ter arrastado muros e culturas desde que o seu leito foi desviado artificialmente para o subsolo da horta e lameiro (através da abertura de uma vala que se cobriu de alpondras e, posteriormente, de terra). Originalmente correria contíguo à própria anta, o que tornaria o terreno mais alagadiço. Também junto daquela foi construído um aterro alongado no sentido N.NE.-S.SW., como se vê na planta topográfica (Fig. 6.1), que integra uma vala soerguida, destinada a drenar o terreno acima da anta, canalizando as águas para o prado natural. Na planta topográfica, frente à anta, as curvas de nível acentuam o local que originalmente era inundado pelo ribeiro.

Deste modo a anta esteve sujeita a "lavagens" e a depósitos provenientes da passagem, mesmo que temporária, de águas tumultuosas ou que extravasavam o leito do ribeiro. Estamos em crer que um grande número de objectos históricos, ou quase actuais, fragmentados (cerâmica feita a torno, fragmentos de fechaduras em ferro e outros "dejectos") terão essa origem.

As obras de arroteamento e drenagem de uma parcela do vale, da sua delimitação por esteios de granito e arame farpado, do desvio do leito do ribeiro, da construção do aterro e, finalmente, da abertura de um poço no limite N.NE. do *tumulus*, que ocorreram no início deste século, alteraram completamente a fisionomia do local e provocaram aquela que pode ter sido a maior destruição do monumento. Com efeito, o abade de Baçal diz que "Entre 20 de Junho de 1932 que vimos pela primeira vez a Arcã de Abreiro e pela segunda em Maio de 1934, quebraram-lhe já alguns esteios para fazer poldras de passagem no lameiro do Azindro"¹⁸.

3.2. O dólmen da Arcã em 1932

O mesmo autor acima referido, dá-nos uma imagem esquemática do estado do dólmen em 1932, quando o visitou, dele desenhou um *croquis* muito simples mas que acompanhou de uma descrição bastante elucidativa¹⁹, a qual inclui as medidas das pedras. O decalque desse desenho encontra-se na fig. 6.2.

Atendendo a essa informação, podemos dizer que o dólmen da Arcã ainda tinha, em 1932, 6 esteios. Três de entre eles — aqueles n.º 1, 2 e 4 —, encontravam-se fincados verticalmente no solo. Destes nós já só pudemos observar o n.º 2 e 4, que correspondem, respectivamente, aos n.ºs 3 e 1 do nosso levantamento. O abade de Baçal diz que atrás do esteio 2, que supõe, como nós, ser a laje de cabeceira, se encontrava uma outra pedra, parcialmente tombada, a n.º 3, que julga ser um fragmento da tampa de cobertura. Porém, pelas medidas que fornece, trata-se de um pesado esteio, que está realmente inclinado sobre a laje de cabeceira, mas ainda fincado no solo, no seu local original. Corresponde ao nosso esteio n.º 2.

Os esteios 5 e 6 já na altura se encontravam tombados, mas a sua altura ronda os 2 m, tal como os restantes.

Refere ainda que na parte interna da laje de cabeceira existiam 15 covinhas, das quais fez também um esquema.

Esta descrição levou-nos a pensar que se trataria de um dólmen de grandes dimensões, cuja altura seria superior a 2 m e que eventualmente teria um corredor virado a nascente. Como o abade de Baçal anota, com pesar, em 1934 já estava mais destruído e algumas pedras foram levadas do local.

Com efeito, quando iniciámos a escavação, já aí não se encontravam os esteios n.º 1, 5 e 6 do esquema daquele investigador. Particularmente o n.º 1, que ainda estava fincado, teria sido importante para definir o contorno da câmara pelo lado sul.

¹⁸ ALVES, F. M. (1975, 2.ª). *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, 9, Bragança, pág. 697.

¹⁹ Cf. nota 18, pp. 695-697.

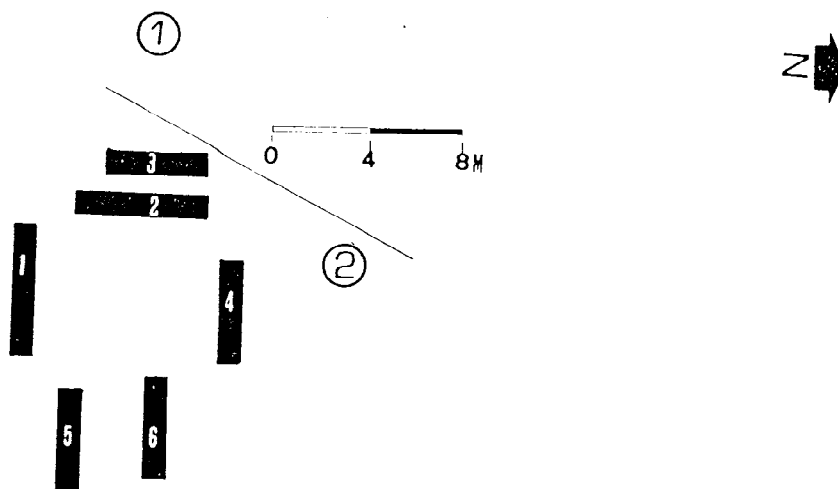
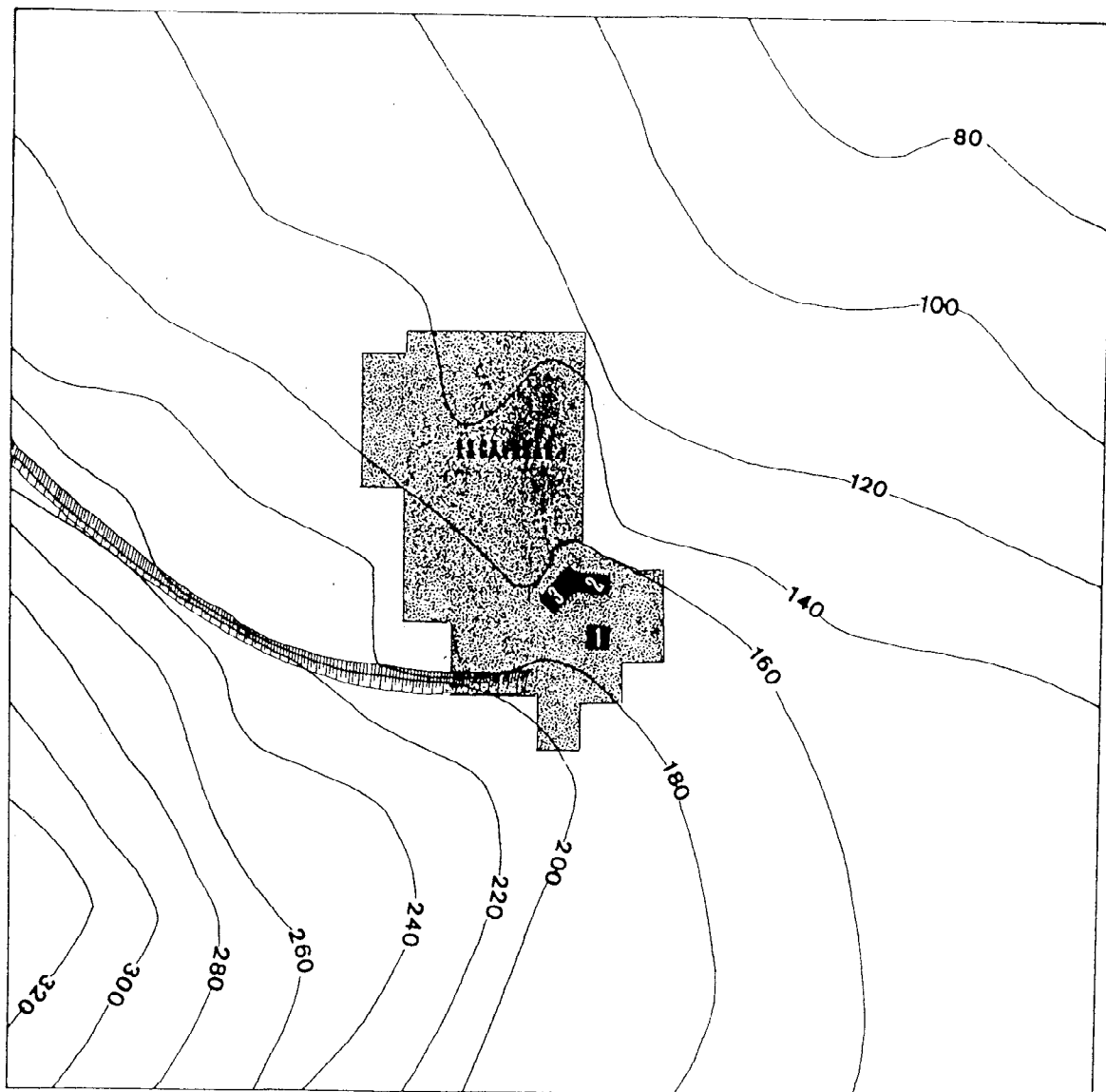


Fig. 6 — 1. Levantamento topográfico da área em torno à Anta de Abreiro. Estão ainda marcados, de modo esquemático, os esteios 1, 2 e 3, e ainda a área escavada. Baseámo-nos no levantamento topográfico feito pelo GAT da Terra Quente Transmontana. 2. *Croquis* da mesma anta, desenhado pelo abade de Baçal em 1932 (este desenho não tem escala)

3.3. Escavação. Descrição das estruturas conservadas e da estratigrafia

3.3.1. Escavação²⁰. Fig. 7

Quer o levantamento topográfico, quer a observação do terreno, não indiciava qualquer outra estrutura além, evidentemente, de três grandes esteios levemente inclinados e cobertos até à sua meia altura por um amontoado de pedra solta (grandes seixos rolados e lajes menores, de granito) e outros dejectos (bocados de tecido, de chapéus ou cestos de palha, etc...), nos quais se desenvolviam grossos troncos de silvas. Segundo nos informaram, estas pedras tinham resultado da abertura e posterior entupimento do poço localizado adentro do espaço que julgamos ter sido ocupado pelo quadrante NE. do *tumulus*.

Procedeu-se à limpeza desta área e iniciou-se a escavação pelo traçado de uma comprida vala de sondagem que atravessava a câmara no sentido nascente-poente e que incluía a base do esteio 3 (ou "laje de cabeceira do dólmen"). Uma vala perpendicular a esta, mas mais curta, passava ainda pela base do mesmo esteio. Os alargamentos posteriores da escavação, que constam da planta na fig. 7, foram orientados pelos seguintes objectivos: todo o quadrante sudoeste revelaria o prolongamento dos alinhamentos de pedras do *tumulus* visíveis na vala de sondagem; a escavação no lado norte dos esteios 2 e 3 poderia indicar o primitivo contraforte desse lado da câmara e assim definir os seus contornos exteriores; a escavação de toda a área situada a nascente e sul do esteio 3, tinha o mesmo objectivo, isto é, definir os contornos da câmara e perceber a ligação desta com o *tumulus*. Nesta última zona e na área norte do exterior da câmara, para onde o *tumulus* parece alongar-se, não alargámos mais a escavação pois verificámos que eram locais totalmente remexidos (por valas, por canais de drenagem, por um poço e pelo revolvimento do solo da horta).

3.3.2. Estruturas e estratigrafia

3.3.2.1. *Tumulus* (Fig. 7 e est. 1.2)

Todo o monumento é construído em granito e seria formado por uma câmara megalítica e um *tumulus* provavelmente baixo.

Só uma parte limitada do *tumulus* se encontrava preservada pelos motivos que aludimos acima. Se a vala M3-M12, coincide com um dos eixos (possivelmente o maior) do monumento, então é possível que na parte posterior da câmara o quadrante NW. fosse similar, em tamanho e configuração, ao quadrante SW., aquele integralmente escavado. Desenhar-se-ia assim, atrás da câmara, de forma aproximadamente semicircular. Pela destruição verificada em torno à câmara, julgámos inútil procurar o seu contorno nos quadrantes NE. e SE.

Trata-se de um *tumulus* muito peculiar, formado por alinhamentos de enormes blocos de granito, orientados no sentido NE.-SW., paralelos entre si, mas distintos uns dos outros, e provavelmente perpendiculares à entrada da câmara megalítica. Estes alinhamentos, que se integram em terra argilosa intencionalmente deposta no local, não nos indicam terem tido um papel funcional, ou seja, técnico, importante, directamente ligado à construção. O *tumulus* podia naturalmente ter sido mais alto e as enormes pedras que o integram confeririam maior solidez à sua parte inferior. No entanto, como se trata de terra argilosa, que endurece com facilidade, esse recurso "técnico" seria, a nosso ver, de menor utilidade. Aquilo que os alinhamentos podem marcar ou definir formalmente é a área do *tumulus*. Com efeito, as terras que o compõem, isto é, aquelas que foram aí intencionalmente depostas e que se distinguem pela sua cor e textura (camada 1), terminam abruptamente, em todo o quadrante SW., um pouco para o exterior do limite dos alinhamentos.

A câmara e os seus contrafortes "interceptam" três destes alinhamentos, mas foi impossível destrinçar estratigraficamente se contraforte e alinhamentos foram construídos em simultâneo ou não. Indícios do prolongamento destes alinhamentos para o lado NE. do monumento ainda se puderam

²⁰ As referências que se seguem, são, salvo indicação em contrário, aquelas da nossa escavação.

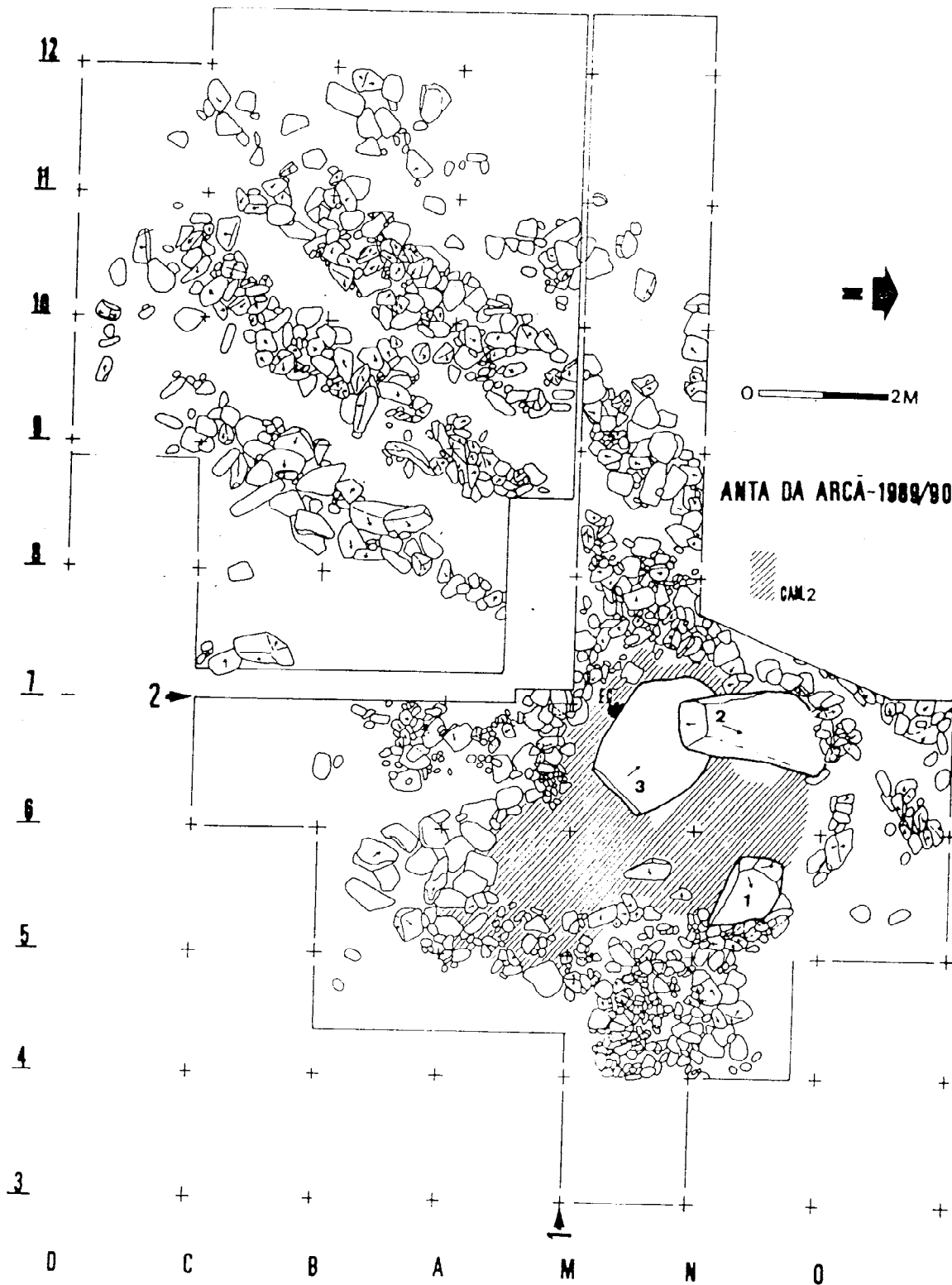


Fig. 7 — Planta geral da escavação da anta da Arcá. Estão indicados os cortes 1 e 2, os quais se encontram na figura seguinte. Marca-se ainda, em planimetria, a extensão da camada 2, a qual integra uma pequena área de combustão, indicada pelas letras EC.

identificar nos quadrados O5 e O6, mas somente sobre o solo geológico pois os sedimentos superiores estavam visivelmente revolvidos. Esta área encontrava-se bastante destruída pois já se localiza no interior da horta. Na base dos sedimentos dos quadrados A6 (fora da câmara) e B6, encontrámos, também, já sobre o solo da base, algumas pedras cuja disposição interpretamos como novo alinhamento.

É possível que na parte mais arruinada do *tumulus*, de um e outro lado da câmara e possível "corredor" ou "átrio", existissem outros alinhamentos.

3.3.2.2. Câmara do dólmen e sua estratigrafia

Os esteios 1, 2 e 3, embora inclinados, parecem ocupar a sua posição original. É possível, contudo, que a base do esteio 3 se tenha deslocado um pouco para leste. Por sinal, é atrás destes esteios e, julgamos, daquele que é indicado pelo abade de Baçal com o n.º 1 (e que foi arrancado só por volta de 1933) o qual se situaria aproximadamente no limite norte do quadrado A6, que se define com maior nitidez o contraforte. Este é constituído por grandes blocos de granito, similares aos dos alinhamentos, sobrepostos, muito bem encaixados uns nos outros e compactados com terra argilosa.

Os esteios eram inseridos, segundo verificámos na base do n.º 1 e 2, em pequenas valas cuja profundidade não ultrapassava os 20 cm e, pelo exterior, seria o contraforte que apoiaria e consolidaria a construção.

São os contornos do contraforte que nos permitem obter um traçado aproximado da câmara megalítica, que ocupa, pelo menos, os quadrados N5-6, M6, e, parcialmente, A6. Atendendo somente ao traçado daquele e aos 3 esteios, parece ter tido forma poligonal ou subcircular, alongada no sentido nordeste-sudoeste (o mesmo sentido dos alinhamentos do *tumulus*), ou seja, câmara poligonal ou subcircular alargada, se considerarmos que a entrada ficaria aproximadamente defronte do esteio 3. A mesma integra 3 esteios, dos quais o mais largo, o n.º 3, parece ocupar uma posição central no contorno noroeste. Trata-se de uma laje muito mais larga que as restantes, decorada na sua face interior com gravuras esquemáticas. Julgamos tratar-se da laje de cabeceira do dólmen.

Convirá, antes de passarmos à descrição das "ruínas" existentes frente à área que definimos nos parágrafos anteriores como integrante da câmara, abordar a estratigrafia desta zona, pois ela elucidará melhor as questões que colocamos na interpretação deste espaço.

A figura 7 mostra a planta geral do monumento e nela aparecem marcados os cortes 1 e 2, que se encontram na fig. 8. (Ver ainda a estampa II).

O corte estratigráfico 1 mostra a parte mais bem conservada do *tumulus* e do contraforte na parte posterior da câmara: M7-12. Nele se pode ver que a altura do contraforte era muito superior à dos alinhamentos do *tumulus*. O mesmo corte atravessa a câmara no seu extremo sul, em M5-6 (A6), no único local da câmara onde a estratigrafia se encontrava menos remexida. Para esse facto deve ter contribuído a eventual existência do referido esteio deslocado por volta de 1933. Entre o local que este teria ocupado e o esteio 3 foi possível, numa área extremamente limitada, encontrar uma interessante estratigrafia não remexida até ao solo de base. Essa estratigrafia regista-se no corte 1, nos quadrados M5-6, e no corte 2, no quadrado A6.

Assim, nesses quadrados, temos, da base, para o topo, as seguintes camadas.

Camada 3 (A e B) — ocupa uma área da parte sul da câmara, limitada aos quadrados M6-A6 e M5-A5, estes últimos só na fronteira com os anteriores. Compõe-se de terra argilosa muito fina, dura, compacta, com algumas manchas negras e cinzentas que parecem decorrentes de combustão, e ainda com manchas de cor ferruginosa. Continha pequeníssimos fragmentos de carvão e algum espólio arqueológico. A distinção entre A e B refere-se unicamente à cor e só se regista num espaço muito limitado. B é mais clara pois mistura-se parcialmente com o solo geológico. Estamos convencidos de que esta camada documenta a ocupação mais antiga que se conservou neste dólmen.

Camada 2 — esta camada sobrepõe-se quase totalmente à anterior em A6. Noutros locais assenta no solo de base e, com maior ou menor espessura, ocupa quase toda a área que consideramos pertencente à câmara e possível corredor. Foi sujeita na sua parte superior a revolvimentos, os quais compõem, juntamente com outros, a camada 01. A camada 2 integra terra argilosa, mais grosseira que a da camada 3, não homogénea, de cor avermelhada e com veios ferruginosos. Entre o esteio 3 e o

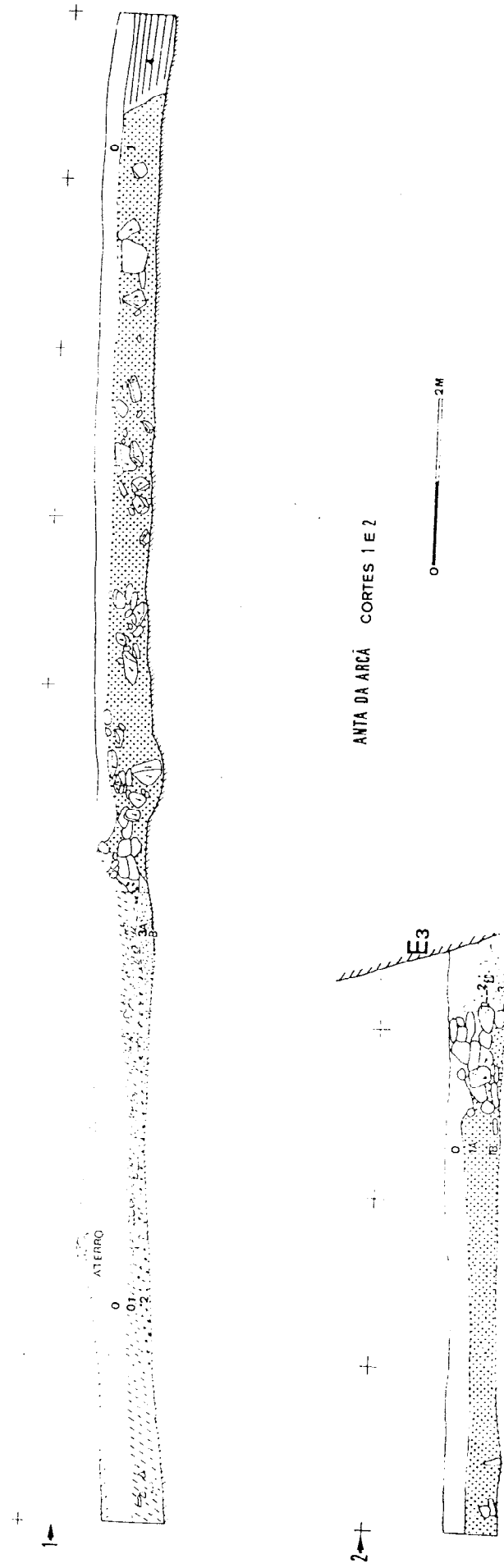


Fig. 8 — Cortes estratigráficos 1 e 2 da anta da Arca (ver a sua localização relativa na figura anterior). A estratigrafia é descrita em texto.

contraforte do lado sul, encontrámos uma pequeníssima área de combustão, aproximadamente circular, com cerca de 30 cm de diâmetro. Compunha-se de terra queimada, mas não tinha carvões, sendo ainda ladeada por cinco pedras muito pequenas. No seu interior foi exumada uma lasca angular, sobre cristal, retocada (n.º 26a). Esta área de combustão é indicada no corte e planta com as letras EC. Também esta camada documentará uma ocupação da câmara e as sua extensão pode ajudar a definir os contornos daquela (ver fig. 7). Refiramos, porém, que esta camada, embora não nos pareça remexida em época recente (pelo menos nos sedimentos que marcámos como camada 2), apresenta, essencialmente nos quadrados M5-A5 (fora da câmara), muitas pedras de pequeno tamanho, espalhadas pelos sedimentos de modo verdadeiramente caótico. Desconhecemos por que razão, tendo-se conservado a camada 2, pelo menos na sua parte inferior, em quase toda a câmara, sob ela não apareça a camada 3, a não ser na área referida acima.

Camada 1 (A e B) — trata-se das terras da construção do *tumulus* e compõe-se de terra argilosa, homogénea, de cor amarelo-avermelhado (é a terra mais clara, no tom, de toda a estratigrafia). No corte 2 a distinção entre A e B, indica somente a cor mais escura em B.

Camada 01 — terra argilosa, revolvida, cuja cor e textura varia de local para local. Insere, na área que consideramos da “câmara-corredor”, e naquela onde parecem ter sido lançados os dejectos desta (N, M, A, B-4), muitas pedras de dimensões variadas. Na sua base é similar à camada 2. Daqui provém a maioria do espólio exumado neste monumento.

Camada 0 — terra humosa. No corte 1, sobre a terra humosa existe um aterro que incluía um canal, já referido atrás.

A escavação deste dólmen não nos permitiu definir *com precisão* os contornos da câmara megalítica e muito menos perceber como se realizaria o acesso.

Interessa contudo fazer algumas anotações pertinentes.

a) Os esteios 5 e 6 do *croquis* do abade de Baçal (Fig. 6.2.) estavam tombados de modo perpendicular à laje de cabeceira, mas paralelos entre si e ocupariam, na nossa planta, os limites nordeste e sudoeste da camada 2, nos quadrados M4 e A4-5/B4-5, respectivamente.

b) Os quadrados M-N4 encontravam-se muito revolvidos. O mesmo não acontecia com A5-B5, pois, além da camada 2, encontra-se aí uma concentração de blocos de grandes dimensões, cuja base se insere do lado da câmara nessa mesma camada; estes blocos parecem prolongar de modo alinhado o contorno do contraforte sul para E.SE. É provável que o prolongamento que estes blocos indicam para sul (ou SW.) corresponda ao início de novo alinhamento do *tumulus*. Porém esta hipótese carece de apoio estratigráfico, já que o quadrado B5 se encontrava revolvido na sua metade sul devido à construção do aterro.

c) Quase todo o espólio arqueológico foi exumado numa área que coincide, nos seus limites, aproximadamente com a camada 2 (embora se encontrasse em todas as camadas), como veremos adiante.

d) Julgamos que o contorno da camada 2, marcado na planta geral (Fig. 7), constitui um bom indicador da extensão da câmara, mas esta deve ter extravasado o limite apontado pois a camada 2 não atinge o contraforte do lado norte, que se encontrava bastante destruído.

Consideramos assim que o dólmen da Arcã teria possuído uma estrutura megalítica de grande porte. Esta constaria de câmara megalítica de forma poligonal ou subcircular alargada (perto de 5 m de largura), pelo menos 2 m de altura, aberta a E.SE. O prolongamento da camada 2 para os quadrados indicados em a), coincidente nos seus contornos com a localização dos esteios 5 e 6 do *croquis* do abade de Baçal, e coincidente também com o alinhamento de blocos indicados em b), fazem supor a existência de, ou (1) um corredor curto, distinto da câmara pelo menos em planta, ou (2) de um pequeno átrio, ladeado ou mesmo fechado pelos blocos de A5-B5. Para designar o espaço situado frente à entrada da câmara, utilizamos, só por comodidade de linguagem, o termo “câmara/corredor”, embora isto não implique a existência efectiva de um corredor, como explicámos antes.

As estruturas exumadas não permitem uma maior precisão nesta matéria, mas, em qualquer das hipóteses apontadas, a câmara parece-nos sempre distinta, em planta, das eventuais estruturas que precederiam a entrada. Esta zona que precede a entrada da câmara, qualquer que tenha sido a sua configuração, formou com a câmara, pelo menos no momento da ocupação patente na camada 2, uma unidade funcional e simbólica.

Não temos condições de afirmar se as camadas 3 e 2 correspondem ou não a duas ocupações cronologicamente muito distintas. A camada 3 limita-se a um espaço restrito ao canto SW. da câmara, encosta à laje de cabeceira e termina no local que consideramos a entrada da câmara propriamente dita, na fronteira de M5 a M6. A camada 2 cobre quase todo o espaço interior da câmara e ainda aquele situado frente à entrada. Sobrepõe-se à camada 3 nos locais onde esta existe; nos restantes assenta no solo geológico da base. Do ponto de vista estratigráfico, a camada 3 documentará sempre a ocupação mais antiga do dólmen, e a camada 2 uma ocupação mais recente. A camada 3 poderia ter-se limitado originalmente à área que ocupava aquando da escavação ou ter abrangido um espaço maior. Neste último caso, a ocupação da camada 2 tê-la-ia limpadado ou remexido, o que alteraria a sua configuração inicial e poderia até transportar algum espólio para a camada superior. Porém, como veremos adiante, o espólio não permite que façamos distinções tipológicas claras entre as duas camadas.

3.3.3. *Espólio e outras recolhas*

Referiremos em primeiro lugar o espólio arqueológico pré-histórico que integra cerâmica de fabrico manual e utensílios líticos (talhados e polidos). Foram elaborados três quadros, intitulados — “Arcã — Indicação de proveniência da cerâmica... ;... dos instrumentos líticos talhados...; ...dos instrumentos polidos ...dos seixos rolados... ;... dos instrumentos polidos... moinhos”. Além destes quadros, é apresentado um outro que dá conta, mais em pormenor, da descrição do material lítico talhado. Intitula-se somente “Anta de Arcã — Material lítico talhado”.

Nas descrições que faremos neste ponto, torna-se imprescindível a observação daqueles quadros pois além da descrição do espólio, indicam a sua proveniência relativamente à camada. Julgámos útil referir, em lugar do quadrado específico de cada objecto (que só acontece com o material lítico talhado), a sua proveniência em termos das diferentes áreas do monumento: “câmara”; “câmara/corredor” (ou seja, o espaço situado frente à entrada da câmara) “câmara/corredor-revolvimento” (isto é, os quadros para onde pensamos que foram lançados os sedimentos da câmara/corredor); “tumulus” e “terra humosa” (esta fora das áreas ocupadas pela câmara/corredor).

3.3.3.1. Cerâmica

Descrição técnica: os fragmentos exumados parecem-nos bastante similares entre si. Contudo, essa similaridade deve-se parcialmente ao mau estado de conservação. Um grande número de fragmentos provém de áreas muito revolvidas e apresenta, quer os ângulos das fracturas muito erosionados, quer as superfícies muito corroidas. Deste modo parece-nos ser totalmente aleatório distinguir *grupos* ou *tipos* em função do tratamento das superfícies. Distinguimos contudo dois tipos principais que caracterizamos quanto ao tamanho dos elementos que constituem o desengordurante e quanto à textura (grau de ligação dos elementos plásticos e não plásticos). Só secundariamente entramos em linha de conta com o tratamento das superfícies, com as cores, ou mesmo com a espessura das paredes, mas esta caracterização última não intervém na definição dos tipos.

Tipo 1 — (61 fragmentos) Desengordurante constituído por elementos não plásticos de tamanho fino e médio (inferiores a 0,5 e entre 0,5 e 1 mm) no seio de pastas de textura homogénea. As superfícies são predominantemente alisadas e em menor grau polidas, tanto no interior como no exterior. Nas cores dominam os tons acastanhados no interior e exterior, e neste caso os núcleos são por vezes negros. Também aparecem alguns fragmentos com o exterior acastanhado e o interior cinzento ou negro (ou o inverso), e outros totalmente cinzentos. No tipo 1 a espessura das paredes varia entre 5 e 6 milímetros.

Tipo 2 — (15 fragmentos) Desengordurante constituído por elementos não plásticos muito grossos (dominam aqueles superiores a 1 mm) no seio de pastas de textura compacta. As superfícies são alisadas e as cores são como as do tipo 1, embora apareçam aqui mais cores cinzentas e negras. No tipo 2 a espessura das paredes têm entre 7 e 8 mm, embora num caso tenha 6 mm.

Quanto à caracterização morfológica é de destacar que toda a cerâmica é lisa e as formas reconstituídas em desenho são as seguintes: recipientes de forma ovóide (ou em forma de saco)

Anta de Arcã — Material lítico talhado

N.º	PEÇA	MATÉRIA-PRIMA	PROVENIÊNCIA	DIMENSÕES (mm)			
				ALT.	LARG.	IND.	ESP.
5	Raspadeira simples de frente convexa s/ pequena e espessa lasca	quartzo	N6, c. 3A	31	20	1,55	11
6	Raspadeira simples s/ lasca espessa de descorticação	quartzo	M6, c. 3A	46	32	1,43	13
30	Raspadeira simples, «microlítica», s/ cristal (ou lasca de)	quartzo	M9, c. 0	17	15	1,13	8
10	Raspadeira carenada de frente levemente irregular, s/ lasca espessa	quartzo	N6, c. 01	37	30	1,23	16
1	Raspadeira carenada dupla s/ lasca espessa de descorticação	quartzo	N6, c. 01	34	37	0,91	18
17	Furador de eixo s/ cristal	quartzo	M6, c. 3A	97	30	3,23	25
18	Punção (/furador) de eixo sobre lasca espessa	quartzo	A4, c. 2	34	22	1,54	15
26	Furador desviado s/ lasca de cristal	quartzo	M5, c. 3	27	43	0,62	5
9	Raspador lateral s/ lasca angular espessa	quartzo	M3, c. 01	39	35	1,11	11
14	Raspador lateral s/ lasca de descorticação espessa	quartzo	M5, c. 01	43	46	0,93	14
22	Raspador lateral s/ lasca de descorticação	quartzo	M6, c. 3A	50	35	1,42	12
15	Raspador lateral com «coche» no bordo oposto s/ lasca de dorso	quartzo	N6, c. 3A	33	22	1,5	7
33	Raspador lateral com «coche» no bordo oposto s/ lasca de dorso prep.	quartzo	M6, c. 3A	33	33	1	11
42	Raspador lateral s/ lasca espessa de descorticação	quartzo	M6, c. 3A	49	33	1,48	9
3	(Raspador lateral convexo) Lasca denticulada	quartzo	M6, c. 3A	30	27	1,11	7
2	Raspador transversal com «coche» lateral s/ lasca de crista espessa	quartzo	M5, c. 2	46	47	0,97	15
19	Raspador duplo convergente (?) s/ lasca angular (fragmentada)	quartzo	M5, c. 01	42	25	1,68	10
16	Raspador duplo de lados paralelos s/ lasca espessa	quartzo	C11, c. 1	40	22	1,81	15
13	Inst. duplo: raspador lateral côncavo e raspadeira frontal	quartzo	M6, c. 3A	42	24	1,75	13
37	Buril transversal s/ gume lateral (s/ lasca angular de cristal, retocada)	quartz. hial.	M6, c. 3A	22	18	1,22	10
20	Lasca angular de extremidade distal truncada	quartzo	A4-5, c. 01	49	27	1,81	9
28	Lasca angular de extremidade distal amputada por fricção	silex	M6, c. 3B	27	13	2,07	3
25	Lasca angular de extremidade gasta pelo uso	silex	N5, c. 3	14	14	1	2,5
24	Lasca angular de dorso preparado e desbastado, retocada	quartzo	N6, c. 3B	57	30	1,9	12
4	Lasca angular retocada lateralmente	quartzo	M6, c. 01	37	14	2,64	6
23	Lasca de dorso preparado, retocada	quartzo	M5, c. 01	40	41	0,97	11
26a	Lasca angular s/ cristal, retocada	quartz. hial.	M-N6, c. 2.L.	20	20	1	4
36	Lasca angular retocada	quartzo	M4, c. 01	30	25	1,2	6
34	Lasca angular, espessa, retocada	quartzo	M6, c. 3A	35	24	1,45	17
31	Lasca angular s/ cristal, retocada	quartzo	C6, c. 1A	25	40	0,62	10
12	Lasca angular de dorso desbastado, retocada	quartzo	M8, c. 0	25	31	0,80	7
21	Lasca angular retocada	quartzo	B4, c. 01	27	15	1,8	4
35	Lasca de xisto retocada	xisto	B10, c. 1	52	27	1,92	8
41	Grande lasca natural de xisto, retocada	xisto	M6, c. 3A	55	49	1,12	5
38	Grande lasca de xisto s/ eixo rolado, retocada	xisto quart	M6, c. 3A	70	57	1,22	7
40	Grande lasca natural de xisto, retocada	xisto	M3, c. 01	72	27	2,66	5
39	Grande lasca natural de xisto, retocada	xisto	N6, c. 3A	97	67	1,44	5
11	Grande lasca angular	silex	A4-5, c. 01	49	47	1,04	17
8	Lasca de crista	quartzo	M5, c. 01	33	25	1,32	13
32	Pequena lasca angular	quartzo	C6, c. 1A	23	12	1,91	5
27	Lâmina (fragmento de) retocada	silex	M6, c. 3B	?	?	?	?
29	Lamela retocada (fragmentada)	quartz. hial.	M5, c. 01	27	9	3	3
7	Lamela de crista, microlítica	quartz. hial.	A4-5, c. 01	12	4	3	1,5
43	Núcleo com vestígios de extracções	quartzo	M6, c. 3A	65	60	1,08	40

Arcã — Instrumentos líticos talhados

Raspadeiras	5 = 11,36%
Furadores/punções	3 = 6,81%
Raspadores	11 = 25%
Burís	1 = 2,27%
Lasclas retocadas	17 = 38,63%
Lasclas simples	3 = 6,81%
Lâminas/lamelas	3 = 6,81%
Núcleos	1 = 2,27%
Total	44 = 100%
Total de instrumentos sobre lasca	38 = 86,36%

Lasclas quartzo (e inst. s/ lasca de quartzo)

Índice médio	1,44
Alt. média	37
Larg. média	28,86
Espess. média	9,95

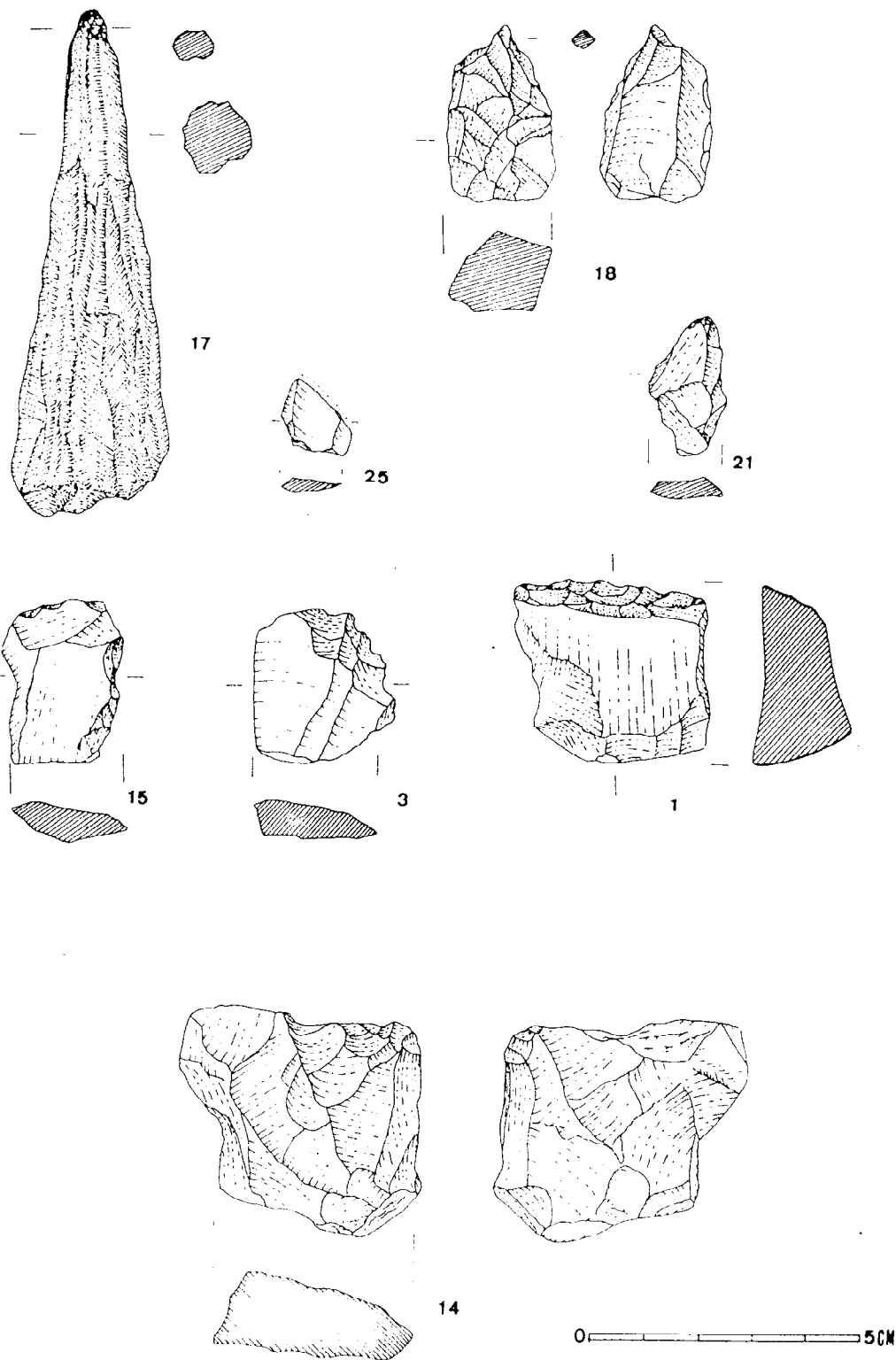


Fig. 9 — Arcã — 17. Furador de eixo sobre cristal de quartzo, de ponta arredondada e bem destacada, afeição por retoques lamelares curtos. 18. Punção (furador) de eixo sobre lasca espessa de dorso preparado, de ponta subtriangular, obtida por extracções lamelares contínuas. 25. Pequena lasca angular, não retocada mas com vestígios de utilização. 21. Lasca angular, ponteaguda, com pequenos retoques directos marginais contínuos, curtos e verticais na extremidade distal. Retocada ainda com golpe de buril no bordo esquerdo e de ambos os lados na área contígua ao talão (para apreensão/encabamento?). 15. (representa-se o reverso) (Raspador lateral *s/l*) Lasca de dorso com um "coche" no bordo direito. Retoque inverso, marginal, contínuo, oblíquo e abrupto, escamoso, cobrindo a quase totalidade do bordo esquerdo. Dois retoques curtos, inversos, na extremidade distal. 3. (representa-se o reverso) (Raspador lateral convexo *s/l*) Lasca denticulada, com extracções longas, lamelares no reverso. Retoque inverso, unifacial, marginal, parcial, contínuo e escamoso na parte média e distal do bordo esquerdo. Duas extracções directas contíguas ao talão (para apreensão/encabamento?). 1. Raspadeira carenada dupla, de frentes rectilíneas, sobre lasca cortical (de seixo rolado) sub-rectangular. Retoque directo, unifacial, contínuo, vertical e subvertical, escamoso numa das frentes de raspadeira e directo unifacial, contínuo, vertical e paralelo, na outra. 14. (Raspador lateral *s/l*) Lasca de descorticação espessa com retoque directo e inverso, contínuo, marginal, oblíquo, subparalelo e escamoso no bordo direito.

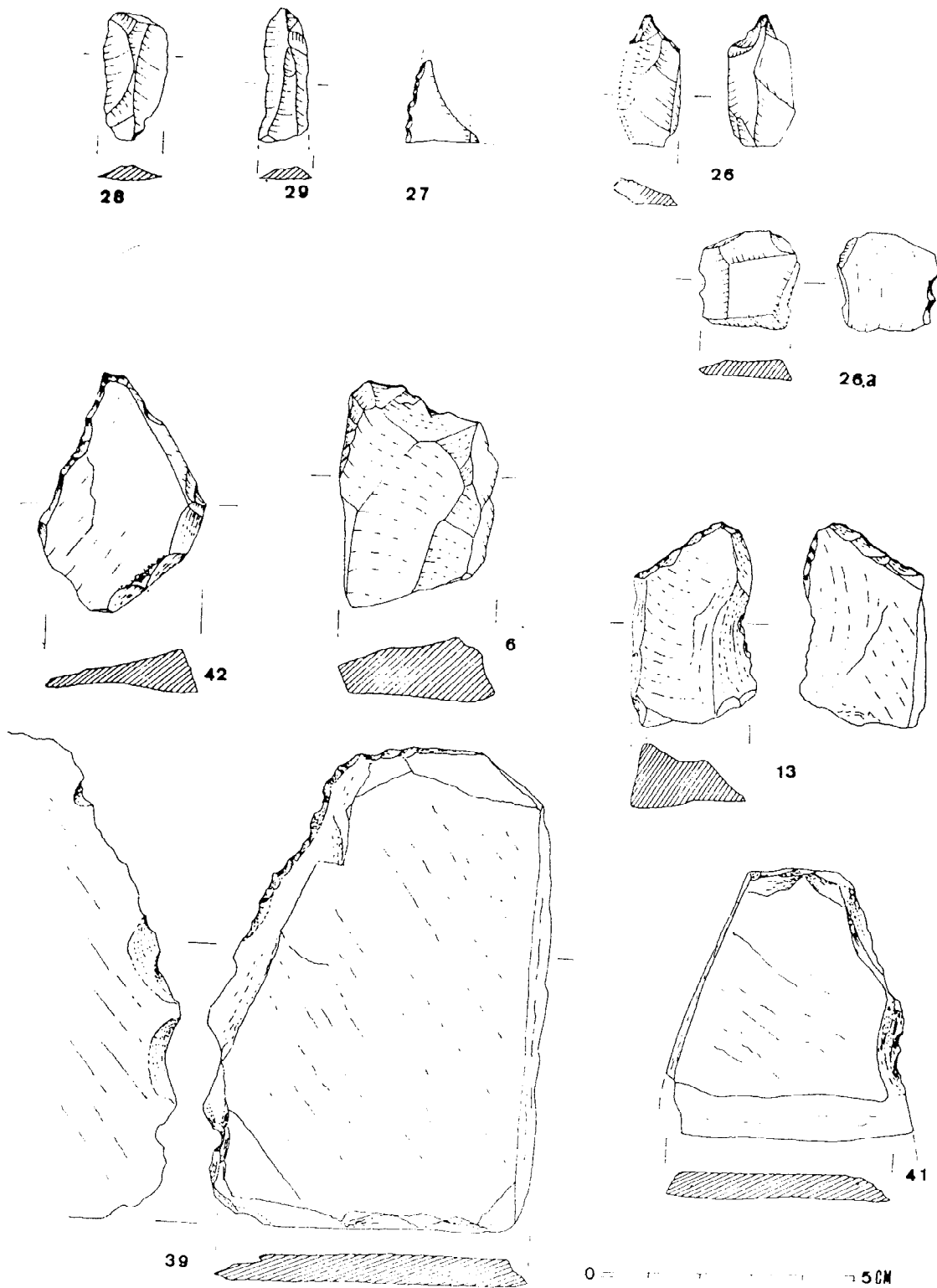


Fig. 10 — Arcã — 28. Pequena lasca angular de ponta amputada por fricção e vestígios de utilização em ambos os bordos. 29. Lamela partida na extremidade proximal. Pequenos retoques directos, descontínuos e oblíquos na etremidade distal do bordo direito. 27. Fragmento de lâmina. Retoque directo, contínuo, abrupto e subparalelo. 26. Furador levemente desviado sobre lasca de cristal de quartzo. Ponta subtriangular por retoques lascares e lamelares contínuos. Extracções lamelares no verso e reverso. 26a. Lasca angular sobre cristal de quartzo hialino. Dois retoques inversos, contínuos e verticais no bordo esquerdo. 42. Raspador lateral sobre lasca espessa de descortigagem. Retoque directo, contínuo, marginal, subvertical e subparalelo no bordo esquerdo e extremidade distal; retoques directos, descontínuos e subverticais nos bordos do lado direito. 6. Raspadeira frontal simples sobre lasca espessa de descortigagem. Retoques lascares contínuos e subverticais na frente de raspadeira. Grandes extracções lamelares no dorso e extracções mais curtas, alinhadas, ainda no dorso, junto do bordo lateral esquerdo (os retoques não atingem o bordo). 13. Instrumento duplo: raspadeira frontal sobre lasca espessa de quartzo hialino e raspador lateral côncavo sobre a mesma lasca. Raspadeira: retoque alterno, vertical e subvertical, contínuo e escamoso. Raspador: retoque directo e inverso, com grandes e pequenas extracções, descontínuo. 39. Grande lasca natural, sub-rectangular, de xisto. Retoque directo, marginal, contínuo, vertical e subvertical, subparalelo que abrange a parte superior do bordo direito e o bordo distal. Três retoques inversos, descontínuos e oblíquos no mesmo bordo. 41. Lasca natural de xisto, partida na extremidade proximal. Retoque directo e inverso, (de grandes extracções), contínuo, e oblíquo no bordo direito e proximidade distal.

Arcá — indicação da proveniência da cerâmica (+ tipos de pasta)

DESIGNAÇÃO INTERPRETATIVA	QUADRADOS	CAMADA	NÚMERO FRAGMENTOS		FORMAS RECONSTITUÍDAS	
			TIPO 1	TIPO 2	BORDOS	FUNDOS
«Câmara»	M6, N5-6 (A5-6, M7)	C. 3(A-B)	4	1		
		C. 2	9	1	(2)	
		C. 01	9	3	(1)	(1)
«Câmara / Corredor»	A4-5, B4-5 M5	C. 3(A-B)	1	0		
		C. 2	8	1	(3)	
		C. 01	19	7	(3)	
«Câmara / Corredor» (revolv.)	M3-4, B4 N4 (+B6)	C. 01	8	2		
Totais parciais			73	58	15	(9) (1)

<i>Tumulus</i>	M10	C. 1	1			
	B8	C. 1	1			
T. humosa	C6	C. 01	1			
Totais			76	61	15	(9) (1)

levemente fechado — 1 (n.º 7); recipientes globulares fechados simples — 2 (n.º 1,6); recipientes globulares com esboço de colo — 3 (n.º 2, 8 e 9); recipientes de forma semiesférica — 1 (n.º 3); recipientes em forma de calote de esfera — 1 (n.º 4). O bordo n.º 6 pode corresponder a um recipiente globular com esboço de colo.

Foram exumados somente dois fundos, um convexo simples, e outro, também convexo, mas com espessamento na parte central. A ausência de outros fundos leva-nos a supor que os recipientes desta anta poderiam ter todos fundos convexos (simples). (Usou-se a mesma numeração no texto, nas figuras e nos quadros).

A maioria da cerâmica (63 em 76 fragmentos) foi exumada nos quadros que consideramos pertencerem à "câmara" e "câmara/corredor". Ainda a área correspondente a M3-4, B4, N4 e parcialmente B6, que nos parece conter predominantemente terras lançadas da violação da câmara/corredor — camada 01 que toca o solo geológico da base —, integrava mais 10 fragmentos cerâmicos.

Na camada 3 só apareceram 5 fragmentos, mas aquilo que nos parece importante realçar é que tanto a morfologia das pastas como a tipologia dos recipientes parecem ser indiferentes às camadas onde foram exumados. Julgamos que toda a cerâmica, à excepção dos fragmentos de M10 e C8, se poderia encontrar originalmente nas camadas 3 e 2; os revolvimentos tê-la-ia deslocado, quer de local, quer de camada.

3.3.3.2. Material lítico talhado

Apesar de todo o material lítico aparecer descrito no quadro "Anta de Arcá — Material lítico talhado", são necessários alguns comentários complementares. (Usou-se a mesma numeração no texto, nas figuras e nos quadros).

Toda a indústria lítica apresenta um aspecto muito fruste e grosseiro, como se pode ver pelas figuras. Esse carácter deve-se a vários factores: a) utilização dominante de lascas de quartzo leitoso, de talhe difícil e, em menor grau, de lascas naturais de xisto (os instrumentos fabricados em sílex ou em

quartzo hialino são só 15,9% do total); b) extracção e utilização de lascas bastante largas e espessas; c) muitas destas lascas são de descorticação e, no caso das lascas de crista, conservam frequentemente zonas limitadas do córtex; d) quando existe retoque este é quase sempre marginal, lascas, descontínuo e afecta partes muito limitadas da peça. Exceptuam-se duas raspadeiras (1 e 13), dois furadores (18 e 26) e 3 raspadores (42, 14 e 16). Como estes últimos instrumentos se encontram desenhados pode ter-se uma ideia mais precisa do carácter deste retoque que consideramos, apesar de tudo, de "melhor qualidade".

Um elevado número destes instrumentos apresenta vestígios de utilização, os quais se traduzem, no caso dos de quartzo, no esboroamento dos bordos e no polimento das arestas dos retoques (nas raspadeiras o esboroamento e polimento só afectam o gume e bordo superior da "frente de raspadeira"). Como instrumentos muito polidos destacam-se, em particular, o furador n.º 17, os raspadores n.º 2, 3 e 14 e a raspadeira n.º 1. A extremidade distal das lascas angulares n.º 25 e 28 também se encontra

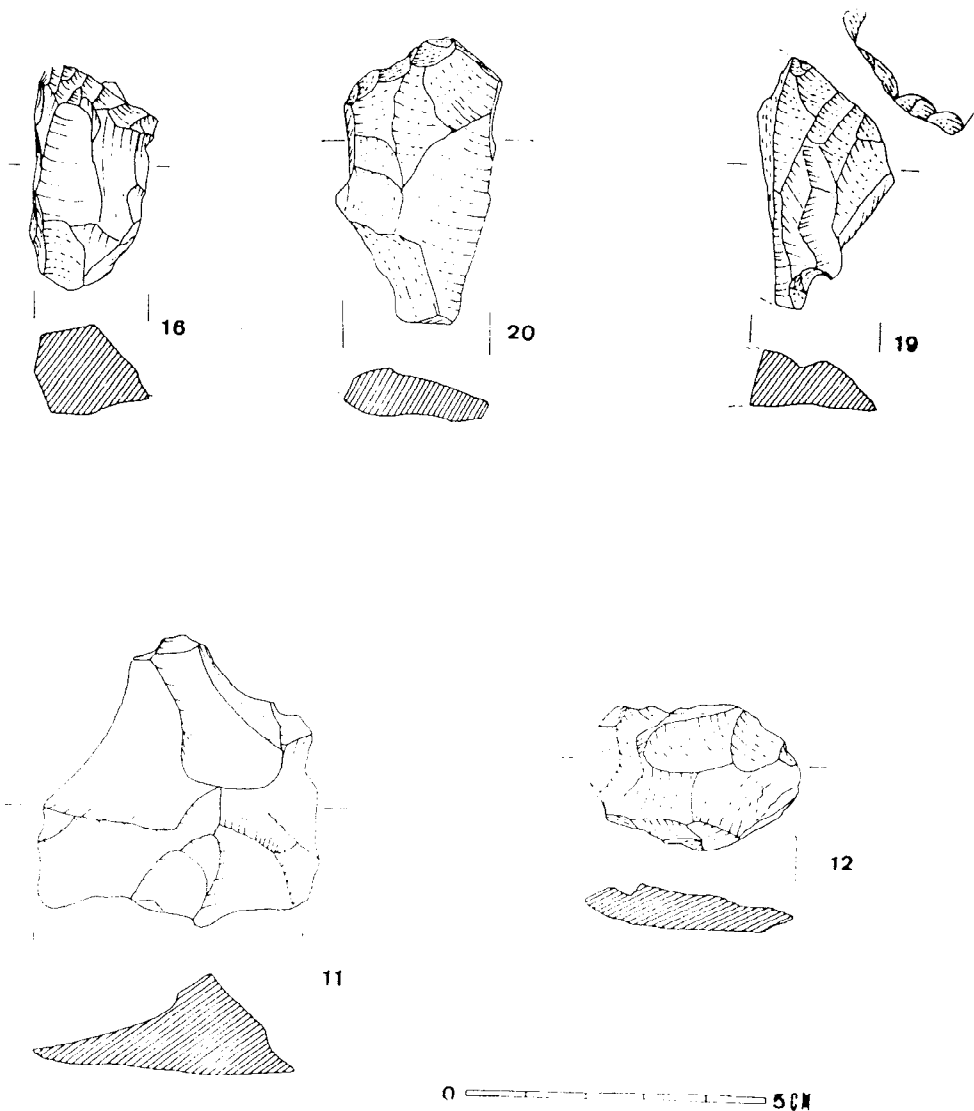


Fig 11.1 — Arcã — 16. (Raspador duplo de lados paralelos s/). Lasca espessa de dorso preparado, com retoque directo, contínuo, marginal, muito oblíquo e subvertical, subparalelo e escamoso nos três bordos. 20. Lasca angular de extremidade distal truncada através de retoque directo, contínuo, marginal, vertical e escamoso. 19 - Lasca angular partida lateralmente. Retoque directo lamelar invasor e subparalelo; retoque inverso, contínuo, marginal, oblíquo e escamoso no bordo (supõe-se que terá sido um raspador convergente). 11. Grande lasca angular. 12. Lasca angular de dorso desbastado e zona contígua ao talão retocada através de grandes extracções lamelares. Pequenos retoques directos e inversos, descontínuos e oblíquos.

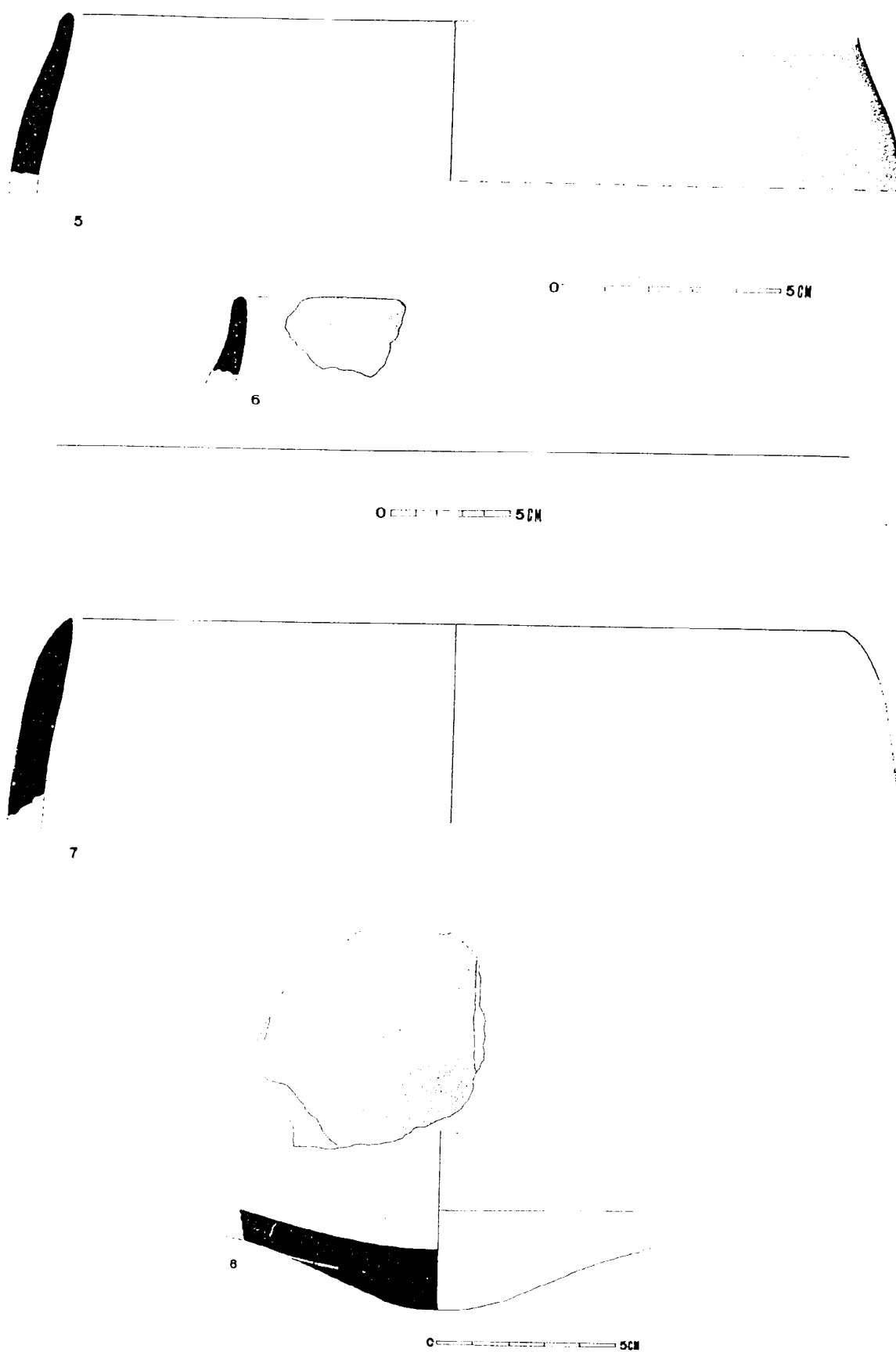


Fig. 11.2 — Arcã — 5. Recipiente liso de forma globular, fechado (tipo 1). Prov. M6, c. 01; 6. Recipiente liso de forma provavelmente globular com esboço de colo (tipo 1). Prov. M5, c. 2; 7. Recipiente liso de forma ovóide (ou em forma de saco) levemente fechado (tipo 2). Prov. M5-6, c. 2; 8. Fundo de recipiente convexo, com espessamento na parte central por meio de uma pequena saliência de contorno subcircular; pasta igual à do recipiente 7. Prov. N5, c. 01 (cerâmica desenhada por Iva Botelho).

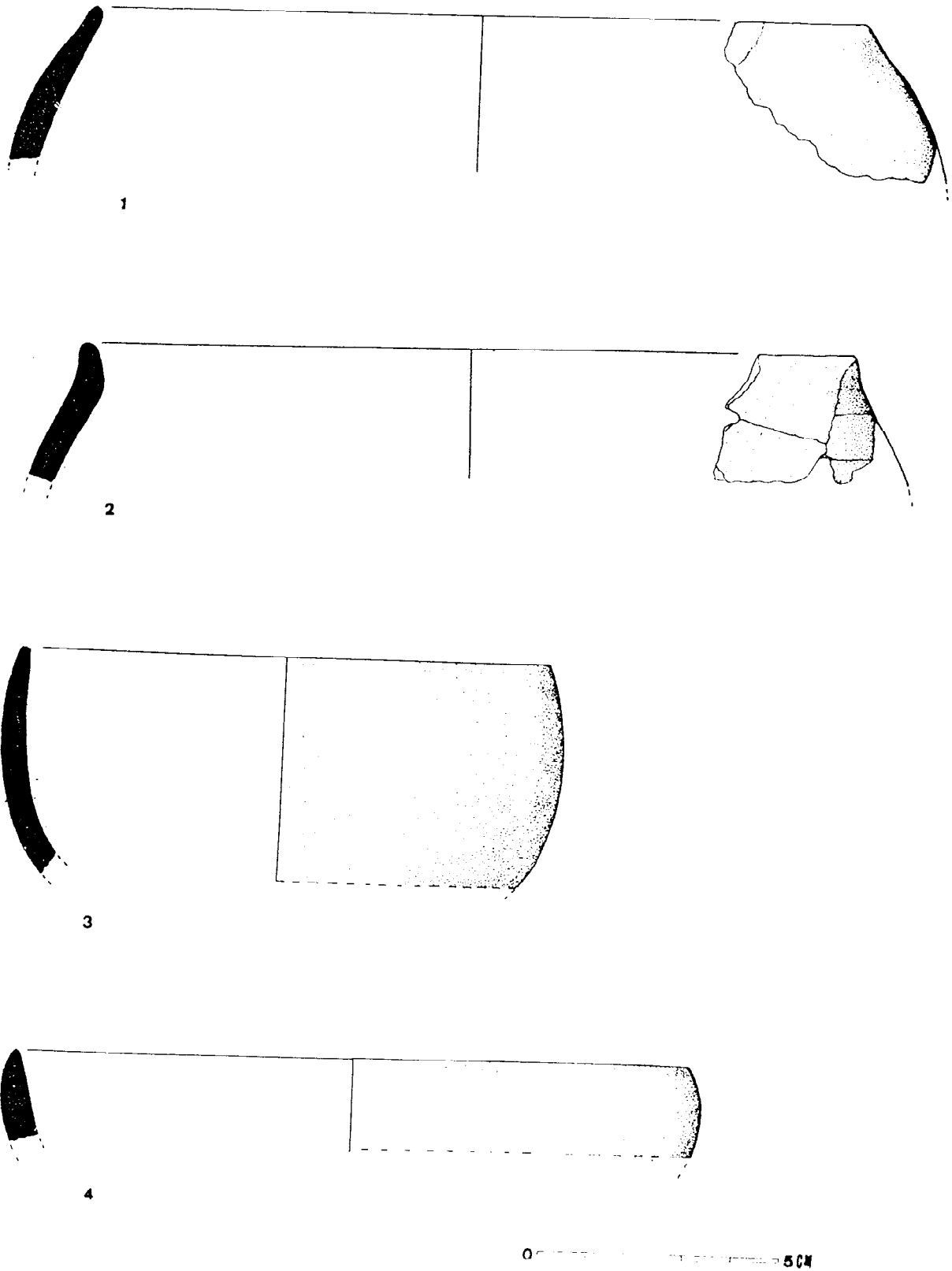


Fig. 12 — Arcã — 1. Recipiente liso de forma globular, fechado (tipo 1). Prov. M5, c. 01; 2. Recipiente liso de forma globular com esboço de colo (tipo 1). Prov. A6, c. 2.; 3. Recipiente liso de forma semiesférica (tipo 1). Prov. A6, c. 2; 4. Recipiente liso em forma de calote esférica, levemente fechado (tipo 1). Prov. M5, c. 2. (cerâmica desenhada por Iva Botelho).

Arcã — Indicação da proveniência dos instrumentos líticos talhados

DESIGNAÇÃO INTERPRETATIVA	QUADRADOS	CAMADA	RASPA-DEIRAS	FURAD./PUNÇÃO	RASPA-DORES	BURIS	LASCAS RETOC.	LASCAS SIMPLES	LÂMI-NAS	LAME-LAS	NÚCLEOS	TOTAL
«Câmara»	M6, N5-6	c. 3(A-B)	2	1	6	1	5	2	1		1	19
		c. 2						1				1
		c. 01	2					3			1	6
«Câmara / Corredor»	A4-5, B4-5 M5	c. 3(A-B)		1								1
		c. 2		1	1							2
		c. 01			2		1	2		1		6
«Câmara / Corredor» (revolv.)	M3-4	c. 01			1		2					3
Totais			4	3	10	1	12	4	1	2	1	38

<i>Tumulus</i>	C6	c. 1A					1	1				
	C11	c. 2			1		1					4
T. humosa	M9	c. 0	1									
	M8	c. 0					1					
TOTAL Peças Lit. Talhadas			5	3	11	1	15	5	1	2	1	44

polida pelo uso e a raspadeira "microlítica" n.º 30 também apresenta as arestas do retoque da "frente" completamente polidas.

Merece menção um buril (n.º 37) dado que estes instrumentos ocorrem, na Pré-história recente, predominantemente em contextos líticos de tradição epipaleolítica/mesolítica. O instrumento em causa foi fabricado sobre uma espessa lasca de cristal de quartzo hialino, muito curta. A lasca conserva as faces lisas do cristal na parte proximal (talão) dorsal e distal. A lasca foi desbastada em toda a face ventral (e parcialmente na aresta dorsal) e retocada em ambos os bordos. Termina em bico, ou triângulo, seguindo as arestas do cristal. O golpe seco de buril que deu origem à(s) (3) aresta(s) características, foi dado transversalmente sobre o bordo esquerdo que define a ponta triangular. Trata-se de um buril transversal pouco típico uma vez que a aresta principal coincide com o topo do bordo da lasca, mas a faceta desenvolve-se de modo oblíquo (e não perpendicular) relativamente àquele pois segue o anterior traçado do cristal.

A lasca angular n.º 11, em sílex, indica ter pertencido a um núcleo de razoáveis dimensões; cumulativamente pode ter funcionado ela própria como "núcleo", ou seja, como lasca espessa destinada à extracção de unidades mais pequenas. Não apresenta vestígios de utilização e o seu dorso exhibe marcas de outras extracções.

Tal como a cerâmica, das 44 peças líticas talhadas, a sua maioria — 38 — foi exumada nas área que consideramos da "câmara" ou "câmara-corredor", embora em todas as camadas. Destaque particular merece o grande número de peças exumadas na camada 3 (20 peças), onde estão representados todos os tipos à excepção de lamelas. Nesta camada encontrava-se ainda a única lâmina (de sílex), de toda a estação. Trata-se de um fragmento muito pequeno, mas que permite supor ter sido pelo menos de dimensões médias. As restantes peças de sílex — duas lascas com vestígios de utilização —, também se encontravam nesta camada. (A lasca angular de sílex, n.º 11, provém de uma camada remexida). Ainda foram exumadas nesta camada duas grandes lascas de xisto, retocadas.

A camada 2 possuía pouco material lítico talhado, mas, tal como referimos, consideramos todo o espólio exumado nesta área como decorrente da utilização da câmara, eventualmente durante a formação da camada 2 que é sobreposta pela 1.

3.3.3.3. Material lítico polido: moinhos e seixos rolados

As 3 partes dormentes dos moinhos da Arcã encontram-se fragmentadas, embora num caso o moinho esteja quase completo. Tem forma oblonga e é de pequenas dimensões (eixo maior = 40 cm). Todos eles apresentam marcas evidentes de utilização.

Das 19 partes moventes só 3 se encontram completas, embora noutras 3 a fragmentação tenha atingido pequenas porções do utensílio. Parecem ter todas forma oblonga e estão predominantemente polidas em ambas as faces, mas geralmente só uma delas acusa utilização.

Embora só 3 se encontrem completas, a regularidade das formas permite-nos extrapolar, com relativa aproximação, as dimensões das restantes. Assim, julgamos que a maioria terá entre 18 por 8 ou 9 cm (de eixo maior e menor, respectivamente) e 21 por 13 cm. Em minoria estará o grupo que tem entre 13 por 6,5 ou 7 cm e 17 por 8 cm.

Os seixos rolados são sempre de pequenas dimensões e têm forma oblonga e secção elíptica ou sub-rectangular de ângulos arredondados, ou forma e secção subcircular. Nos de granito, que são uma minoria, torna-se difícil ver se foram ou não realmente utilizados. Porém os de quartzo ou quartzito apresentam por vezes marcas de uso, uma vez mais, outras vezes menos claras. Essas marcas traduzem-se em picotados localizados predominantemente nas extremidades opostas do seixo e/ou nas faces laterais.

Relativamente aos moinhos, também a maior concentração se regista na área que consideramos da "câmara" ou "câmara-corredor" e revolvimento destas — 13 moventes e 2 dormentes, sendo de destacar 6 moventes da camada 3 e 2 da camada 2. Porém, no *tumulus* e "couraça" (camada 1) também encontramos 4 moventes e um dormente. Embora uma parte movente e uma dormente se integrassem num dos alinhamentos de pedras, em M10, os restantes moventes apareciam entre os sedimentos da camada, sem conexão clara com aquelas estruturas pétreas. Não podemos assim dizer que estes últimos instrumentos (moventes) tenham sido forçosamente utilizados como material de construção.

Aos seixos rolados não podemos abordá-los realmente como instrumentos pois só uma pequena minoria apresenta vestígios de utilização.

Todavia, a sua grande concentração nas camadas 3 e 2, e/ou na área da "câmara/corredor" (incluindo todas as camadas) pode ser interpretada, a nosso ver, de dois modos alternativos ou complementares. 1. A "câmara-corredor" do dólmen ocupou uma área marginal do leito do antigo ribeiro, e os pequenos seixos integravam os sedimentos dessas margens, embora alguns de entre eles possam ter sido utilizados no decurso da construção e uso do monumento. 2. Os seixos rolados foram trazidos por qualquer motivo ritual (a maioria não tem vestígios de uso) para o interior da câmara do dólmen, sendo inseridos particularmente no decurso da utilização patente na camada 3.

3.3.3.4. Outros achados

Além de fragmentos de cerâmica grosseira, mas quase actual, e de outros fragmentos de porcelana e vidro que apareciam essencialmente nas camadas 0 e 01 dos quadrados O5-6 e N5-6 (na área norte da câmara, e parte contígua desta, no que teria sido primitivamente o *tumulus*), que se encontravam particularmente revolidas, há a destacar dois achados: uma parte terminal de alfinete de bronze com banho de prata que se achou no solo revolvido da camada 01, em O6 (atrás do esteio 2) e uma moeda de cobre, exumada no quadrado M4, na camada 01.

O nosso colega Mário Barroca, da Faculdade de Letras do Porto, teve a amabilidade de classificar a moeda do modo que se segue "20 Reis, de 1883, D. Luís I, em cobre — class: Ferraro Vaz, LU, 118".

Arcã — Indicação da proveniência dos instrumentos polidos

1.1. Moinhos

DESIGNAÇÃO INTERPRETATIVA	QUADRADOS	CAMADA	MOVEN- TES	GRA- NITO	XISTO QUARTZ.	DORMEN- TES	GRA- NITO	XISTO QUARTZ.
«Câmara»	M6, N5-6	c. 3(A-B) c. 01	6 1	6	1	2	2	
«Câmara / Corredor»	A4-5, B4-5 M5	c. 3(A-B) c. 2 c. 01	1 4	1 4				
«Câmara / Corredor» (revolv.)	M3-4	c. 01	1	1				
Totais			13	12	1	2	2	0

<i>Tumulus e</i> «couraça»	D6 A6 A7 M8	c. 1 c. 1 c. 1 c. 1	1 1 1 1	1 1 1 1				
Outros	M10 B6 A6	c. 1 c. 0 c. 0	1 1 1	1 1 1		1	1	
Total de moinhos			19	18	1	3	3	0

Moventes	19
Completos	2
Fragmentados	17

Dormentes	3
Completos	0
Fragmentados	3

1.2. Seixos rolados

DESIGNAÇÃO INTERPRETATIVA	QUADRADOS	CAMADA	QUANT.	QUART.	GRANITO
«Câmara»	M6, N5-6	c. 3(A-B) c. 2	10 2	9 1	1 1
«Câmara / Corredor»	A4-5, B4-5 M5	c. 3(A-B) c. 2	2	2	
«Câmara / Corredor» (revolv.)	M3-4	c. 01	2	2	
Totais			16	14	2

<i>Tumulus e</i> «couraça»	A7 B10	c. 1 c. 1	1 1	1 1	1 1
Totais			18	15	1

3.3.3.5. Outras recolhas

Foram feitas recolhas de carvão (por flutuação de terras) destinadas a análises antracológicas, e uma delas, simultaneamente, a análises de radiocarbono. Têm a seguinte referência: amostra 1 — prov. de A11/12, cam. 1, terras do *tumulus* (Antracologia); amostra 2 — prov. de M6/A6, cam. 2, câmara (Antracologia); amostra 3 — prov. de M6/A6, cam. 3, câmara (Antracologia e C14). Uma amostra que denominámos de 3a, pois foi seleccionada dos carvões da amostra 3, era constituída por duas sementes carbonizadas, que nunca chegaremos a identificar dado que a amostra foi completamente destruída no transporte, pelos correios, para Barcelona, onde iria ser analisada.

A amostra 3, após terem sido identificadas as espécies vegetais a que pertenceram os carvões, foi tratada para datação no ICEN. Porém, a exígua quantidade de carvão exige uma medição pelo acelerador, a qual ainda não tivemos meios financeiros para realizar.

Os resultados antracológicos das amostras 1, 2 e 3 constituem o anexo deste trabalho.

3.4. Gravuras do esteio 3 (ou laje de cabeceira)

A face interior do esteio 3, que nos parece ser a laje de cabeceira, encontra-se coberta de gravuras esquemáticas feitas por picotagem da rocha, seguida de abrasão, quer das covinhas, quer dos sulcos. Fig. 13.1.

Infelizmente nunca pudemos realizar o seu decalque directamente sobre plástico porque o esteio se encontra fortemente inclinado para diante (para o interior da câmara), estando provisoriamente apoiado em barrotes de madeira, aliás como os restantes esteios. Foi sempre extremamente arriscado escavar a área situada sob o esteio 3 pois este, além do seu peso, ainda escora, através de uma trave, aquele que nos parece mais pesado de todos, o esteio 2. Mais arriscado seria proceder ao decalque directo das gravuras. Enquanto esperamos que os nossos desejos e tentativas de restauro deste monumento acabem por ter algum dia eco na Câmara Municipal de Mirandela (pois exigem-se máquinas potentes para erguer os esteios), acções que permitirão um levantamento directo das gravuras e a utilização de um método de contraste cromático que realce as mais apagadas, decidimos, ante esta possibilidade de publicação do relatório de escavação, proceder ao decalque daquelas sobre fotografia.

O esteio encontrava-se coberto de sedimentos pelo seu interior, até cerca de 1/3 da sua altura. Nesta parte inferior conservam-se ainda gravuras pouco profundas, que só marcam levemente a rocha, o que não parece ter acontecido na parte superior. Aqui, a erosão, visível em toda a superfície alterada (rugosa) não destruiu as covinhas fundas e alguns sulcos que originariamente poderiam estar mais bem definidos. Na parte inferior, mais preservada, a superfície da rocha é mais lisa e parece ter sido sujeita a polimento ou alisamento, pelo que supomos este alisamento poder inicialmente ter sido extensivo a toda a face interior da laje.

Aquilo que salta à vista são as covinhas. No entanto, na parte inferior da laje, ligam-se quase sempre a sulcos, ou integram-se em sulcos mais ou menos profundos, formando figuras totalmente abstractas. Um "báculo", um "círculo interrompido" e uma cadeia de pequenas figuras subcirculares, são os únicos motivos que conseguimos identificar.

Julgamos que a utilização do método do contraste cromático virá mostrar, pelo menos na parte inferior do esteio, uma composição muito mais rica do que aquela que vemos aqui de modo fragmentário.

3.5. Algumas considerações finais

A exposição feita ao longo deste texto foi essencialmente descritiva, quer no que se refere aos monumentos megalíticos da bacia de Mirandela, quer, evidentemente, no que respeita ao dólmen da Arcã. Expuseram-se dados e ideias minimamente estruturados por forma a divulgar aquela que é, por enquanto, a informação, ainda precária, acerca desta matéria nesta região.

O contributo da escavação da Arcã para o conhecimento do megalitismo da bacia do Tua, ou mesmo para o do povoamento, revelou-se bastante modesto. O seu estado de ruína não permitiu sequer

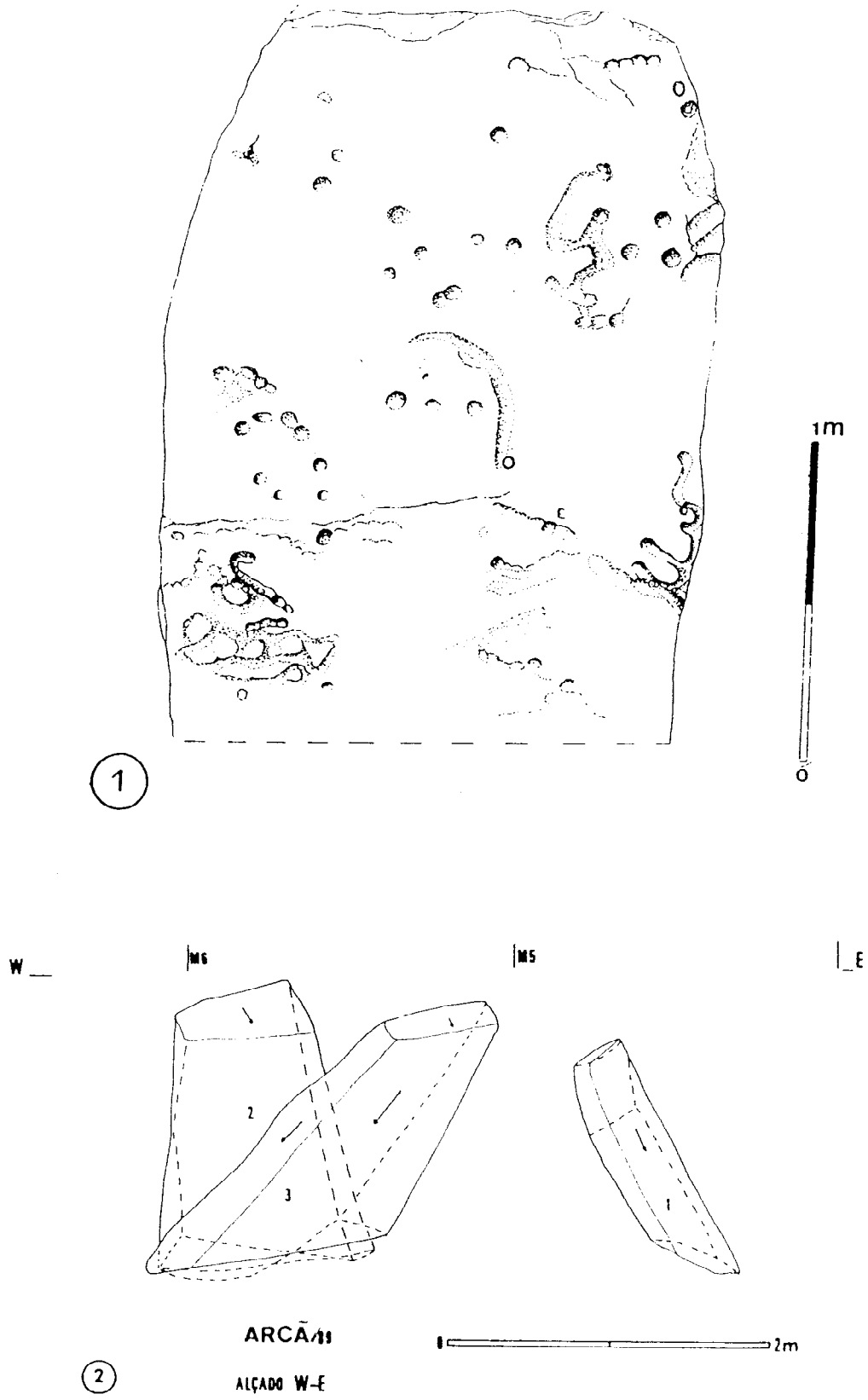


Fig. 13 — 1. Gravuras da face interna da laje de cabeceira — esteio 3 — da Arcã (desenho feito a partir de fotografia).
2. Alçado dos esteios da Arcã.

definir de forma clara a configuração arquitectónica nem do *tumulus*, na parte anterior do monumento, nem da estrutura megalítica.

Ficámos contudo com a ideia de que se tratava de um monumento com um *tumulus* relativamente baixo, que integrava uma câmara megalítica de grande porte; frente à entrada desta teria existido um espaço ritual que durante a utilização patente na camada 2 funcionaria em unidade com o interior da câmara.

A ausência de datas absolutas aliada à ocorrência de espólio cuja expressão cronológica é muito vasta, dificultam a datação deste monumento.

3.5.1. O dólmen da Arcã seria um monumento megalítico imponente se atendermos quer à altura, quer à área interior da câmara. Esta vê ainda o seu espaço interior enriquecido simbolicamente pela gravação de figuras abstractas, algumas das quais têm expressão noutros contextos, megalíticos ou não, da Pré-história recente peninsular.

Monumentos com estas características têm sido datados pelo radiocarbono no Centro do país da 1.^a metade do III mil. a. C.²¹; na Serra da Aboboreira, no Entre-Douro-e-Minho, o dólmen de corredor de Chã de Parada 1, decorado, também é datado dos meados desse milénio, podendo a sua utilização ter-se prolongado até à passagem ao II mil. a. C.²². Recentemente foram ainda divulgadas várias datas absolutas para o grande dólmen decorado, com corredor e átrio, de Dombate (2.^o monumento) — Coruña —, sendo colocada a sua construção e utilização do átrio em datas compreendidas entre 2500 e 2300 a.C. (aproximadamente)²³.

Próximos desta região desconhecemos datas absolutas para monumentos megalíticos de grandes dimensões. Recentemente o dólmen de vestíbulo de Zedes (situado na planalto contíguo a Abreiro) foi objecto de uma intervenção de restauro no decurso da qual foi identificada, numa área limitada da câmara, uma camada de ocupação assente sobre o solo geológico da base. Nessa camada foi exumada uma lâmina em sílex, um micrólito geométrico (trapézio), também em sílex, e um fragmento de cerâmica manual lisa²⁴. No Museu do Instituto de Antropologia Doutor Mendes Corrêa, e decorrente das escavações do Prof. Santos Júnior, existe também um micrólito geométrico (triângulo) e uma lamela, ambos em sílex, um fragmento de um vaso liso em forma de calote de esfera, e um outro pertencente a um vaso aberto mas decorado com impressões "penteadas", proveniente desse mesmo dólmen²⁵. As cerâmicas com decoração "penteada" estão datadas em Trás-os-Montes, em várias estações habitacionais, do último quartel do III a. C., e dos inícios do II mil., outras²⁶. É provável que em Zedes a cerâmica "penteada" date somente uma das utilizações do monumento e que o restante espólio exumado em contexto estratigráfico possa indicar uma cronologia mais antiga. Porém, enquanto não se submeter a análise de radiocarbono a amostra de carvão exumada na câmara, a cronologia apontada fornece um dos parâmetros da ocupação destes dólmenes mais complexos do interior norte do país, o qual não se afasta daqueles conhecidos noutras regiões.

O dólmen de Zedes, assim como o de Vilarinho da Castanheira, têm a particularidade de serem decorados no seu interior. Ora, na bacia de Mirandela, também o dólmen de Caravelas, que possui câmara e corredor, apresenta a laje de cabeceira gravada com covinhas e provavelmente outros desenhos que por enquanto a erosão e os líquenes não deixam perceber correctamente.

²¹ Citamos uma obra onde se revelam, de modo articulado (cronológica e culturalmente), várias datas de dólmenes desta e de outras regiões do território nacional, tornando desnecessária a citação de cada texto particular que as divulga e que é indicado nessa mesma obra. JORGE, S. O. (1990), A consolidação do sistema agro-pastoril, *Portugal — das Origens à Romanização*, Nova História de Portugal (dir. de J. Serrão e A.H. de Oliveira Marques), 1. Presença. São conhecidas particularmente as datas de Carapito I, Orca dos Castenairos e Orca de Seixas.

²² JORGE, V. O. (1991) Arqueologia social dos sepulcros megalíticos atlânticos: conhecimentos e perspectivas actuais, *Incursoes na Pré-história*, Fund. Eng.º António de Almeida, pp. 57-151.

²³ Comunicação apresentada neste Seminário "Megalitismo no Centro de Portugal" — Mangualde 20-23 Nov. de 1992, da autoria de Bello Diéguez e intitulada *Grabados, pinturas e ídolos em Dombate (Cabañas — A Coruña)*.

²⁴ A intervenção foi feita pelo Dr. Miguel Rodrigues, do IPPAR, a quem agradecemos estas informações, que se encontram inéditas, mas em vias de publicação.

²⁵ JORGE, V. O. (1982), *Megalitismo do Norte de Portugal: o Distrito do Porto. Os Monumentos e sua Problemática no Contexto Europeu*, 1, Dissertação de doutoramento apresentada na Fac. Letras da Univ. do Porto, polic. (pp. 739-808).

²⁶ JORGE, S. O. (1986), *Povoados da Pré-história Recente da Bacia de Chaves - V.ª P.ª de Aguiar*, IAFLUP, 3 vols., Porto; SANCHES, M. J. e SANTOS, B. C. T. O. (1987), cf. nota 1.

A decoração dos dólmenes pode ter-se iniciado na passagem do IV ao III mil. a. C., mas o grande desenvolvimento da arte nos esteios dos dólmenes parece ter tido a sua máxima expressão durante a 2.ª metade daquele milénio, em monumentos providos de grandes câmaras e/ou de estruturas megalíticas muito complexas: corredores, átrios, etc.

3.5.2. O espólio retirado do dólmen da Arcã é muito sóbrio e o seu carácter votivo, ou decorrente da realização de rituais no espaço da "câmara/corredor" é indicado exclusivamente pelos locais onde foi exumado. Fora das áreas atribuídas à "câmara/corredor" (e seu revolvimento), está quase ausente.

Quer o material lítico (talhado e polido), quer a cerâmica, poderiam fazer parte do instrumental de um grande número de povoados datados do Neolítico final/Calcolítico. Com efeito, tanto no que respeita às principais matérias-primas utilizadas (quartzo, granito e xisto), como ao grau de elaboração dos instrumentos, nota-se um investimento que nos parece pouco significativo. Possivelmente o ritual ou rituais ligados ao dólmen inseriam predominantemente utensílios de uso corrente. Aqui lembramos de novo que muitos utensílios líticos talhados apresentam vestígios de utilização e que a maioria dos moinhos (moventes), exumados nas camadas 3, 2 e no *tumulus*, não se inseriam de modo visível nas estruturas construtivas do dólmen.

Não esquecemos evidentemente que este monumento foi objecto de violações (provavelmente em várias épocas) e que utensílios ou artefactos de aspecto visual mais atraente tenham sido entretanto levados pelos violadores. Por exemplo, surpreende-nos que aqui não tenha sido encontrado nenhum machado ou enxó, que são objectos muito frequentes em monumentos megalíticos, mas igualmente "reconhecíveis" por leigos. Mesmo que assim tenha acontecido, o espólio encontrado na nossa escavação continua, a nosso ver, a ter um papel importante na utilização do dólmen.

Devemos ainda referir três instrumentos de sílex, todos exumados na camada 3: duas lascas angulares (n.ºs 28 e 25), muito pequenas mas com vestígios de utilização, e um fragmento de uma lâmina retocada (n.º 27) que parece ter sido de médias ou grandes dimensões. É provável que a anta contivesse mais espólio feito desta matéria-prima, que entretanto foi desaparecendo. Lâminas e lamelas em sílex ou quartzo hialino são correntes em monumentos megalíticos e não constituem um claro indicador cronológico (nem cultural). Neste caso denunciam a utilização (e valorização), de uma matéria-prima menos comum, provavelmente não existente nas imediações do território do monumento ou da comunidade que o utilizou. A transformação dessa matéria-prima parece ter-se realizado também no decurso da construção ou utilização do dólmen pois uma lasca espessa indicia ter servido de núcleo em extracções de unidades menores (peça n.º 11). Ainda as grandes lascas de xisto, retocadas, que encontramos na Arcã, também não constituem bons indicadores cronológicos. *Aparecem essencialmente em estações habitacionais* de todo o III.º milénio (Vinha da Soutilha-Chaves²⁷, Buraco da Pala-Mirandela) e mesmo dos inícios do II (Pastoria-Chaves e Cemitério dos Mouros II, povoado contíguo à Arcã), para só falar daquelas mais próximas. Trata-se da utilização de uma matéria-prima local — que aqui existe abundantemente num afloramento situado a cerca de 400 m da anta —, à qual se adapta uma técnica específica de talhe.

Os recipientes cerâmicos (fragmentos todos lisos) reconstituídos em desenho, denunciam formas ovóides levemente fechadas, globulares (simples ou com esboço de colo), semiesféricos ou em calote de esfera, tipos que consideramos arcaicos ou de tipologia antiga, dada a sua presença dominante na maioria dos povoados do Neolítico final/Calcolítico do N. de Portugal e Meseta, e particularmente no vizinho povoado de Cemitério dos Mouros I e II. Também nos dólmenes estes recipientes têm uma presença bastante marcada, embora por vezes possam ser decorados²⁸. Porém, segundo investigações recentes, só na passagem ao II mil. a. C. começam a aparecer formas diferentes (tronco cónicas, cilíndricas, carenadas, etc.).

Concluindo as nossas observações relativas ao espólio, diríamos que aquele nos parece ser essencialmente de carácter doméstico. Como estamos perante um monumento simbólico, a sua deposição ou a sua utilização no espaço da "câmara-corredor", é absolutamente intencional. Se se tratasse somente de instrumentos de uso ocasional no decurso da construção do dólmen, então deveriam apresentar, supomos, uma distribuição mais aleatória.

²⁷ JORGE, S. O (1986), cf. nota 25.

²⁸ Cf. nota 24.

Creemos poder sugerir que a integração destes instrumentos de uso doméstico (e de aspecto fruste) dentro de um espaço sagrado se destinaria possivelmente a valorizar simbolicamente quer os instrumentos em si, quer as actividades neles implicadas. Em alternativa aquilo que estaria em questão poderia não ser o instrumento mas somente a actividade ou função à qual aquele se achava ligado. Neste caso seria indiferente a maior ou menor qualidade dos artefactos (significantes), pois o eixo do ritual giraria em torno do significado.

Espólio lítico de características semelhantes (embora o tipo de quartzo permita um melhor talhe) ocorre no local das Antas, em Vale de Juncal (neste artigo). Porém, aqui a sua interpretação está sujeita a um leque maior de hipóteses, já que foi recolhido na prospecção e pode até indicar um habitat anterior ou contemporâneo dos monumentos.

Por outro lado, visto na sua globalidade, todo o espólio lítico e cerâmico indica uma comunidade com uma cultura material arcaica, tradicional.

3.5.3. O aspecto inovador, do ponto de vista social, situar-se-ia ao nível da concepção arquitectónica, da imponência e da decoração do monumento.

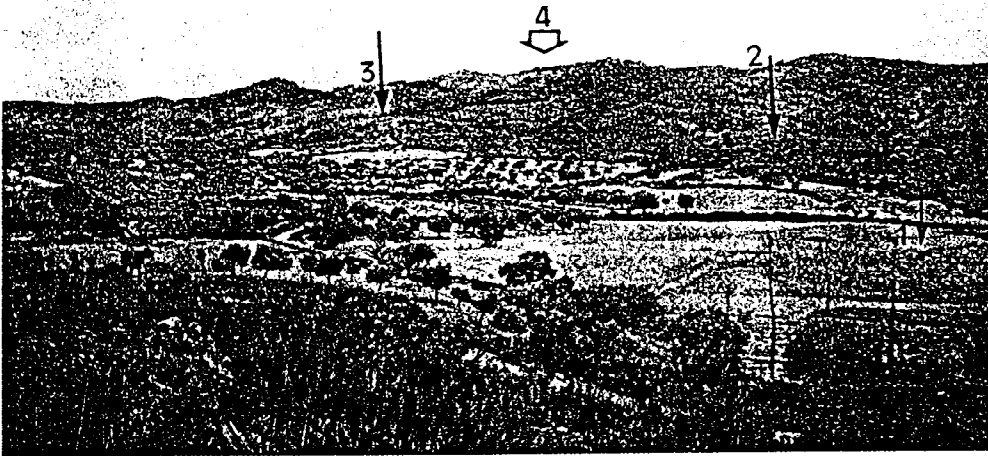
Ainda a sua implantação num espaço topograficamente fechado e acidentado, ao contrário dos outros monumentos de grandes dimensões desta região, providos ou não de estruturas arquitectónicas complexas (dólmenes de Lila, de Caravelas, do Malhado e Antinha) pode indicar a ocupação e apropriação efectiva de territórios que, embora mais pobres, tanto do ponto de vista agrícola como florestal, e eventualmente mais restritos, poderiam ter um papel importante no acesso às vias de passagem ou penetração do rio Tua, e dos importantes vales que para ele confluem, precisamente em Abreiro (com destaque para o vale da ribeira do Vieiro).

Falamos de solos agricolamente mais pobres pois atendemos essencialmente à sua natureza acidentada, pedregosa e facilmente erosionável. Porém, o povoado Cemitério dos Mouros I e II, com o qual pensámos poder relacionar a anta, e que, esse sim ocupa uma posição dominante directamente sobre os vales adjacentes, apresenta-se-nos como um povoado onde a agricultura cerealífera deveria ter um peso significativo, se atendermos quer à quantidade e tamanho dos moinhos, quer ainda ao aparecimento de grãos de trigo carbonizados em sedimentos datados do início do II mil. a. C. Este povoado contém essencialmente cerâmicas lisas.

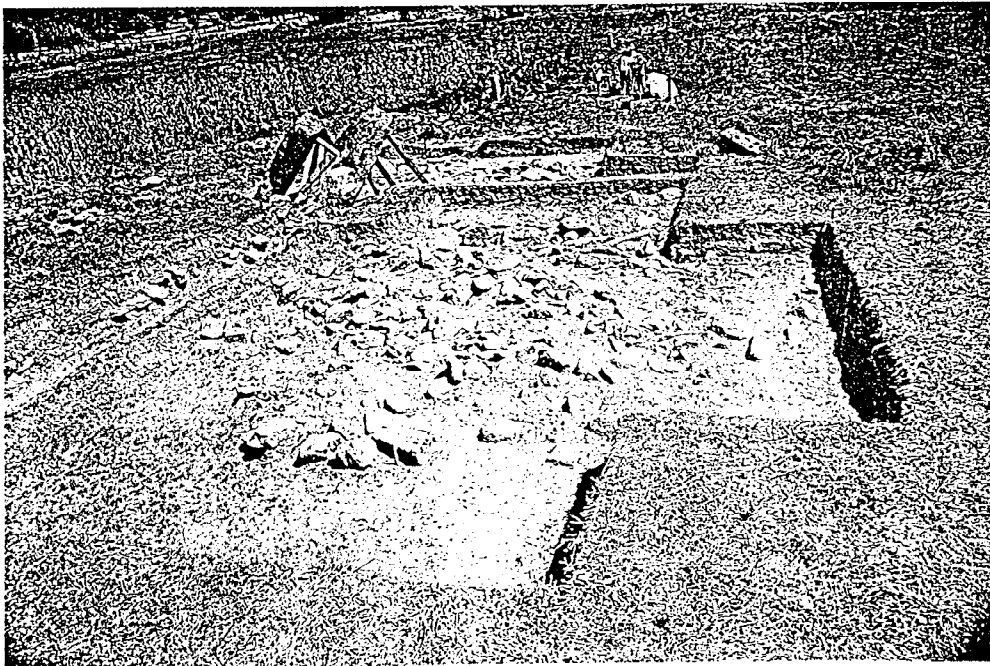
Permanece como hipótese em aberto a possibilidade da correlação cronológica e cultural do povoado Cemitério dos Mouros I e II e com o dólmen da Arcã. Da nossa exposição sobre esta última estação, só podemos deduzir que se trata de um dólmen construído e/ou utilizado num período que pode abarcar todo o III mil. a. C., embora nos pareça mais fiável atribuí-lo já só à 2.ª metade daquele milénio. Uma datação absoluta poderia indicar uma referência mais segura.

Para o povoado a data apontada constitui somente um ponto de referência, devido a dois motivos. Por um lado, uma data de C14 isolada é, por definição, sempre e só um ponto de referência a ser confirmado; uma outra amostra deste povoado deu um resultado completamente diferente. Por outro, a amostra em causa provém de uma recolha em área, estatisticamente mais sujeita a contaminações e à junção de carvão que pode não ter sido exactamente contemporâneo. Todavia, neste caso, não temos hipótese de confirmar as datas com outras do mesmo povoado pois este foi quase todo "lavado" pela erosão e destruído por uma pedreira.

Janeiro de 1993.



1. Localização do dólmen da Arcã (1) e do povoado Cemitério dos Mouros I (2) e II (3). Com 4 indica-se o rebordo N. do planalto de Carrazeda de Ansiães.



2. Aspecto do quadrante SW. do *tumulus* do dólmen da Arcã, com os alinhamentos de pedras orientados de SW. a NE.



1. Vista geral do dólmen da Arcã. Foto tirada de leste.



2. Arcã Esteios da câmara e estruturas que a precedem.